



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR POSSIDÔNIO QUEIROZ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA



ANA RAQUEL MOURA DO VALE

**SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO
DE OEIRAS/PI**

OEIRAS-PI
2024

ANA RAQUEL MOURA DO VALE

**SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO
DE OEIRAS/PI**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, como requisito para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Marina Gleika Felipe Soares

OEIRAS-PI
2024

ANA RAQUEL MOURA DO VALE

**SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO
DE OEIRAS/PI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, como requisito para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marina Gleika Felipe Soares
Presidente - UESPI

Profa. Ma. Michelle Morgana Gomes Fonseca Alcântara
1º Examinador- SEMEC/THE

Profa. Dra. Ana Luiza Floriano de Moura
2º Examinador - UESPI

*Por isso não tema, pois estou com você;
não tenha medo, pois sou o seu Deus.
Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o
segurarei com a minha mão direita
vitoriosa.
Isaías 41:10*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus nosso pai celestial por ter me dado forças e coragem para chegar até aqui, pelas experiências e vivências em cada momento do curso, e por permitir a realização desse sonho.

Sou grata à minha mãe Dalva e ao meu pai Rafael pelo apoio e incentivo incondicional, e por terem me ensinado a sempre persistir nos meus objetivos.

À minha avó Luiza, minha inspiração de determinação, coragem e fé.

Aos meus irmãos pelo encorajamento, à minha família por estar sempre do meu lado, torcendo por mim.

Aos meus amigos (as) de infância por sempre acreditarem no meu potencial, e por me incentivarem a voar alto.

Às minhas colegas de classe que a UESPI me presenteou pelo companheirismo, alegrias, aprendizados e por cada momento vivido e por tornar o processo de formação mais fácil.

Aos professores (as) por cada conhecimento construído, por cada estímulo e paciência para comigo.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Marina Gleika Felipe Soares pela ajuda, por cada conselho dado, e incentivo a superar os meus medos e dificuldades, pela oportunidade de assim realizar esta pesquisa, e torná-la mais relevante.

Agradeço a Profa. Dra. Ana Luiza pelo carinho e apoio incondicional para comigo, e o incentivo em dialogar sobre a temática deste estudo.

Agradeço ao meu sobrinho João Pedro, e à Priscila, à minha irmã que o curso me deu por cada momento, por cada risada, brincadeiras e por estarem sempre do meu lado sempre que preciso.

À cada criança que conheci nos estágios, no Programa Residência Pedagógica, pelo amor e carinho, as preceptoras do (PRP) por tornar este processo mais significativo e que levarei para vida como momentos especiais.

Aos professores da educação básica que aceitaram participar desta pesquisa, sem vocês não seria possível!

A todos o meu muito obrigada, que Deus abençoe infinitamente suas vidas!

RESUMO

A saúde mental está associada ao estado de bem-estar pleno do sujeito, é saber lidar com as emoções em meio às circunstâncias cotidianas que o meio social em que se convive oferece. Assim, por ser considerado um ambiente de construção do conhecimento, a escola se configura como um importante meio na adoção de práticas e hábitos saudáveis que estimulem a promoção da saúde, para que crianças e adolescentes, que se encontram em fase de crescimento, venham a ter um desenvolvimento físico e mental apropriado a cada fase de sua vida. Desta forma, o trabalho tem como objetivo geral analisar as implicações das questões de saúde mental de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental na prática pedagógica no contexto de Oeiras/PI. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, articuladas de revisões bibliográficas, tendo como referências principais Brasil (1988), Freire (2015), Naujorks (2002), Estanislau (2014). Foi aplicado um questionário aplicado a seis docentes dos anos iniciais do ensino fundamental para investigação acerca de suas concepções sobre a saúde mental no contexto escolar. Os resultados levantados revelaram a importância do diálogo sobre a temática na escola, além de um conhecimento maior por parte dos profissionais da educação na perspectiva das reflexões sobre saúde mental, como uma das bases da prevenção aos problemas mentais na atualidade.

Palavras-chave: Saúde mental; crianças; educação básica; prática pedagógica.

ABSTRACT

Mental health is associated with the subject's state of complete well-being, it is knowing how to deal with emotions in the midst of everyday circumstances that the social environment in which one lives offers. Thus, as it is considered an environment for the construction of knowledge, the school is an important means of adopting healthy practices and habits that encourage health promotion, so that children and adolescents, who are in the growth phase, come to have physical and mental development appropriate to each stage of their life. In this way, the general objective of the work is to analyze the implications of mental health issues of children in the early years of elementary school in pedagogical practice in the context of Oeiras/PI. The research starts from a qualitative approach, articulated from bibliographic reviews, with Brazil (1988), Freire (2015), Naujorks (2002), Estanislau (2014) as main references. A questionnaire was applied to six teachers from the initial years of elementary school to investigate their conceptions about mental health in the school context. The results obtained revealed the importance of dialogue on the topic at school, in addition to greater knowledge on the part of education professionals from the perspective of reflections on mental health, as one of the bases for preventing mental problems today.

Keywords: Mental health; children; basic education; pedagogical practice

LISTAS DE QUADROS

QUADRO 1: Perfil pessoal e profissional das professoras.....	35
QUADRO 2: Categorias de análise iniciais.....	38
QUADRO 3: Concepções sobre saúde mental: reflexões no contexto educativo.....	41
QUADRO 4: Prática pedagógica e saúde mental: o que pensam os professores.....	42
QUADRO 5: Prática pedagógica e saúde mental: o que pensam os professores.....	44
QUADRO 6: Desafios e problemas na prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental sobre saúde mental.....	45
QUADRO 7: Metodologias e estratégias que trabalham a saúde mental de crianças....	46
QUADRO 8: Metodologias e estratégias que trabalham a saúde mental de crianças....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EDUCAÇÃO E SAÚDE: ALGUMAS REFLEXÕES SÃO NECESSÁRIAS.....	13
2.1. Educação popular e saúde mental: referências de uma análise emancipatória.....	16
3. DIÁLOGOS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL ADOECIDO: A SAÚDE MENTAL DE NOSSAS CRIANÇAS E PROFESSORES NECESSITAM DE ATENÇÃO	19
3.1. Docentes e saúde mental: a prática pedagógica em questão.....	19
3.2. E nossas crianças? A saúde mental e o processo de ensino-aprendizagem em foco...23	
4- ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	33
4.1 Classificação da pesquisa.....	33
4.2 Cenário empírico do estudo.....	34
4.3 Partícipes da pesquisa: diálogos com o perfil profissional.....	34
4.4 Procedimentos de produção de dados: diálogos com o questionário na pesquisa em educação.....	36
4.5. Organização do corpus do estudo: a análise de conteúdo na pesquisa sobre saúde mental.....	37
5. PRÁTICA PEDAGÓGICA E SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATOS DE EXPERIÊNCIA.....	40
5.1- Concepções das professoras sobre a saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	58
ANEXOS.....	60

1 INTRODUÇÃO

Atualmente em nossa sociedade os transtornos mentais, como a ansiedade e a depressão são considerados uma das causas que tem gerado o sofrimento humano com frequência. As situações ocorridas no dia a dia, seja em casa, no trabalho e principalmente na escola, como o estresse, a competição, as sobrecargas de atividades, as cobranças, a falta de organização de acolhimento decorrentes do modo de produção de vida a que a sociedade está submetida, o sistema capitalista, podem, de certa forma, trazer prejuízos à saúde mental do sujeito. Consequentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca que o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas, representando 9,3% da população. Há também um enorme alerta sobre a saúde mental dos brasileiros, já que segundo matéria do Conselho Nacional de Saúde, uma a cada quatro pessoas no país sofrerá com algum transtorno mental ao longo da vida.¹

Desta forma, a pesquisa se justificou pelo fato de que discutir a temática da Saúde Mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental: implicações na prática pedagógica no contexto de Oeiras-PI, é muito relevante, pois tais realidades são uma das questões que têm acometido a saúde pública de muitos educadores e educandos nas escolas na atualidade, por isso a importância de estudos voltados a essa temática, já que por comprometer na qualidade de vida, quanto mais se previne essas situações ou mais cedo for cuidado e diagnosticado por um profissional, mais eficaz também serão os resultados positivos obtidos.

De início os transtornos mentais são caracterizados pela perda de qualidade de vida, problemas de relacionamento e sofrimento psíquico².

Quando é mencionado a respeito da prática docente observa-se que essa na contemporaneidade tem enfrentado diversos desafios direcionados ao seu contexto, como a falta de descaso e desvalorização profissional, além dos baixos salários e condições de trabalho inadequadas, seja por falta de infraestrutura, materiais, equipamentos ou alimentação que tem se perpetuado ao longo da história da educação e que podem vir a gerar uma ansiedade, dependendo da forma como o docente irá lidar com as diversas circunstâncias que podem ser desencadeadoras de tal problemática.

E isso de alguma forma tem se tornado um fator preocupante em nossa sociedade, por não ter respeitado o princípio da valorização docente, muitas vezes o educador precisa conviver

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/abril/cns-promovera-live-sobre-a-saude-mental-dos-trabalhadores-e-trabalhadoras-no-brasil>. Acesso em: 23 set. 2024.

² BORGES, Ludmila Jambeiro. Prevalência de transtornos mentais em trabalhadores técnico-administrativos da universidade federal da Bahia. Salvador -BA 2023.

em um trabalho precarizado, suportando tais mazelas. Além de ter que lidar com a grande pressão social por parte de pais, mães e/ou responsáveis, escola e sociedade em gerar resultados, o que acaba por desgastar esses profissionais psicologicamente, fisicamente e emocionalmente que tentam ao máximo, mesmo diante das dificuldades e do cenário caótico em que se vive, desempenhar um trabalho de qualidade todos os dias.

O motivo pelo qual levou a pesquisadora a estudar essa temática foi que durante toda infância sofreu com essa problemática, sentindo um medo incontrolável de fazer avaliações, de ficar longe dos pais, a ponto de todos os dias chorar para ir à escola e ninguém nunca ter se prontificado em ajudar. Ao contrário, falavam que isso era indisciplina e depois de adulta foi diagnosticada com ansiedade. Por esse motivo, vejo a necessidade de estudos mais aprofundados para que medidas possam ser tomadas e métodos de prevenção sejam colocados em prática na sociedade e no cotidiano escolar, já que diante desse cenário atual de vidas aceleradas, de desvalorização profissional, de infraestruturas inadequadas de trabalho, desigualdades sociais e educacionais tem-se observado um número crescente de pessoas com algum transtorno psíquico.

Entender, controlar, refletir e avaliar as próprias emoções já não é uma tarefa fácil para o adulto, e para o adolescente ou a criança que ainda não sabem lidar com os seus sentimentos, se torna mais complexo ainda. Por isso é necessário dialogar sobre Saúde Mental em diversos âmbitos da sociedade, sobretudo no ambiente escolar, e buscar entendê-la a partir dos contextos de vivências dos sujeitos é fundamental para que identifiquem quais as medidas de prevenção e ajuda a escola, professores e pais precisam para si e para os estudantes. A partir desse diagnóstico, o ambiente escolar poderia dispor de um acolhimento com metodologias mais conscientes e de prevenção a essa problemática.

Perante tal realidade vivenciada questiona-se: Como anda a saúde mental de nossas crianças, e quais as implicações dos problemas de saúde mental na prática docente no contexto de Oeiras-PI?

Deste modo o presente estudo tem como objetivo geral: analisar as implicações das questões de saúde mental de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental na prática pedagógica no contexto de Oeiras/PI, e como objetivos específicos: Caracterizar a prática docente no contexto das reflexões acerca da saúde mental nos anos iniciais do ensino fundamental; identificar os desafios da prática docente no contexto das questões de saúde mental nos anos iniciais do ensino fundamental; conhecer as metodologias utilizadas pelos docentes considerando as questões de saúde mental.

Considerando os objetivos propostos na pesquisa, estruturou-se esta monografia com base no objeto de estudo ao qual está sendo investigando sobre a saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental: implicações na prática pedagógica em Oeiras/PI. Desta forma iniciamos com a introdução do trabalho, a justificativa, objetivos e estruturação do trabalho.

A segunda seção, intitulada: “Educação e saúde: algumas reflexões são necessárias”, traz uma breve trajetória histórica em detrimento das interferências e desafios referentes ao contexto da saúde, para assim se analisar a realidade existente acerca dos problemas de saúde mental que tem afetado professores e alunos no processo de ensino aprendizagem no ambiente educacional, além da educação popular promovida por Paulo Freire como prática de transformação e promoção à saúde mental nas escolas.

A terceira seção que tem como título: “Diálogos sobre o processo de ensino aprendizagem no contexto educacional adoecido: a saúde mental de nossas crianças necessitam de atenção”, trará uma conversa introdutória sobre a docência e a sobrecarga de trabalho que vem prejudicando a saúde mental de nossos professores, bem como os desafios, para em seguida, ser apresentado as reflexões sobre nossas crianças, enfatizando sobre os seus aspectos socioemocionais, como forma de ampliar o debate sobre a saúde mental dos discentes e as implicações na prática pedagógica dos anos iniciais do ensino fundamental.

Nesse contexto observa-se a relevância da temática em questão a ser estudada, na relação educador, educando e escola para a conscientização e cuidados com a saúde mental frente o processo de ensino aprendizagem tornando acessível os conhecimentos necessários para um bom desenvolvimento de ambas as partes.

2 EDUCAÇÃO E SAÚDE: ALGUMAS REFLEXÕES SÃO NECESSÁRIAS

Nesta seção apresenta-se uma breve trajetória histórica em detrimento das interferências e desafios referentes ao contexto da saúde, para assim se analisar a realidade existente acerca dos problemas de saúde mental que tem afetado professores e alunos no processo de ensino aprendizagem no ambiente educacional. Nesse sentido, tecer reflexões acerca da saúde mental, em seus contextos gerais, faz-se necessário uma vez que dialoga com o objeto de estudo referenciado. Deste modo para levantamento de estudos documentais e bibliográfico, utilizou-se como base teóricos como: Calainho (2005), Franco (2006), Maciel, Shigunov (2006), Ribeiro (1997), Vasconcelos (2001), Jucá (2008), Ottawa (1986) e Brasil (1988).

Historicamente, como nos relatam os livros de história, foram os Jesuítas durante o período colonial os pioneiros a difundirem as práticas de Educação e saúde sob o modelo europeu, utilizando como embasamento o exemplar filosófico e religioso. Sobre isso o autor Calainho (2005, p. 59) nos diz que:

A inserção de medidas de saúde nos planos educacionais apresentados pelos Jesuítas foi de grande impacto neste período, quando as grandes moléstias se espalhavam muito rapidamente pelas terras brasileiras. Deles partiram as primeiras observações da influência do ambiente na propagação de doenças e da importância dos bons hábitos para a sanidade corporal, obviamente somada às sólidas práticas religiosas.

Assim “As ações dos Jesuítas no Brasil se estenderam por duzentos anos e seus projetos obtiveram resultados significativos [...]” (Franco, 2006, p.287). Nesse período os Jesuítas atribuíram práticas importantes à inserção de medidas de saúde nos planos educacionais, como a higiene, além dos locais onde de fato a educação se consolidou mesmo que de forma padronizada e hierárquica.

Com a industrialização ocorreram algumas mudanças na educação e na saúde, “O sistema educacional, antes sustentado por doações de fiéis católicos e usuários, passou a ser substituído por impostos [...]” (Maciel, Shigunov, 2006, p.83). Dessa forma, as práticas advindas dos Jesuítas foram todas modificadas, pelo Marquês de Pombal depois que os Jesuítas foram expulsos do Brasil, “deixando de ser uma formação pautada no homem nos seus hábitos, valores e conduzindo-se assim a uma formação profissional” (Carvalho, 1978), aderindo dessa forma uma nova organização no que se refere a matriz curricular, onde passou-se a ter maior destaque as áreas da ciências físicas e matemáticas.

Somente por volta do início do século XIX é que de fato iniciam-se um modelo higienista em que tinha como objetivo mostrar os cuidados com o corpo pelas quais as pessoas

deveriam ter e seguir, como forma de diminuir as endemias voltados a uma proeminência biológica, em que a saúde era modulada como curadora e não como uma ação educativa de prevenção e de transformação da sociedade em prol de uma melhor qualidade de vida.

A verdade é que a preocupação nunca foi com o povo, mas com o prejuízo econômico e de saúde coletiva que tal problemática pudesse causar às elites, assim a apreensão da elite nunca foi o bem-estar, a qualidade de vida, mas a quantidade, o lucro, que poderia perder, logicamente temáticas como educação e saúde sempre estiveram ligadas ao controle e ao proveito da classe trabalhadora, então o que prevalecia era a visão das elites.

No que se refere a saúde em educação Vasconcelos (2001, p. 27), pontua que:

Até 1970, a educação em saúde no Brasil foi basicamente uma iniciativa das elites políticas e econômicas e, portanto, subordinadas a seus interesses. Voltava-se para a imposição de normas e comportamentos por elas considerados adequados. Para os grupos populares que conquistaram maior força política, as ações de educação e saúde foram esvaziadas em favor da expansão da assistência médica individualizada.

Diante de tal afirmação é perceptível a desatenção e o descuido para com as pessoas desprovidas de recursos financeiros da época, a classe rica como sempre foi a mais beneficiada pelo acesso à educação e a saúde. A classe média ficava à mercê de instituições filantrópicas, que muitas vezes não tinham um cuidado maior com a classe média, a não ser que houvesse alguma epidemia.

Assim, essa realidade começa a ter novos horizontes com os movimentos populares que tiveram a iniciativa de reivindicar seus direitos a questão da saúde, dentro desse movimento se destaca a educação popular de Paulo Freire que ficou conhecido por promover uma educação conscientizadora da realidade, que surpreende-se pela “capacidade de construir, de modo compartilhado com a população, práticas de grande eficácia no enfrentamento dos problemas de saúde por levarem em conta o saber acumulado das pessoas, seus interesses, as forças sociais ali presentes e as peculiaridades da realidade regional.”³ Pensamentos como este nos fazem refletir que a educação é a base da transformação, e portanto, deve estar ligada a saúde independente do contexto social, vale salientar que foi por meio da educação popular que surgiram grandes inovações referente às classes populares como o Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo Jucá (2008, p.12) “Somente por volta de 1971 é que de fato a saúde se constitui como um elemento essencial no ensino”. A partir daí entra em vigor dentro do currículo escolar

³ A saúde nas palavras e nos gestos : reflexões da rede de educação popular e saúde/ organização Eymard Mourão Vasconcelos , Ernande Valentin do Prado. - 2. ed. - São Paulo : Hucitec, 2017. 272 p. ; 21 cm.

a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e mais tarde em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de forma a organizar o ensino, trazendo a transdisciplinaridade de temáticas necessárias a serem inclusas dentro da educação.

Outro ponto de fundamental importância e conquista para nossa sociedade aconteceu no ano de 1980, em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) delimitou um documento baseado na promoção em saúde, que apresentava conceitos e preceitos pertinentes, que fez gerar diálogos necessários que se baseavam na Carta de Ottawa. “Esta conferência foi, antes de tudo, uma resposta às crescentes expectativas por uma nova saúde pública, movimento que vem ocorrendo em todo mundo [...] (Ottawa, 1986, p.1). Além disso, esta era uma carta de intenções, que tinha como objetivo principal buscar atingir a saúde como direito de todos na tentativa de melhorá-la. Assim, a promoção da saúde deve acontecer a partir do trabalho conjunto, entre sociedade, governantes, profissionais da saúde e principalmente as escolas para que, dessa forma, possa haver um bem-estar global.

Como nos garante a Constituição Federal 1988, quando intitula alguns direitos de ordem social, cultural, étnica e econômica, deixando claro que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988, p.128).

Além disso:

A saúde é direito de todos e dever do Estado garantida mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (Brasil, 1988, p.55).

Desse modo, observa-se claramente que é função do Estado promover o bem-estar social das pessoas coletivamente, reconhecendo assim como um fator importante o direito à cidadania, seja a educação ou saúde. Logicamente esse bem-estar social atribuído às pessoas estariam ligados a direitos como “[...] a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (Brasil, 1988, p.10). Sendo assim, na atualidade, esses direitos devem caminhar juntos, de forma equilibrada, não ficando apenas na teoria, mas exercitando na prática diária da sociedade. Nessa perspectiva, faz-se necessário trazer para discussão, considerando que alguns pontos já foram iniciados, reflexões acerca da educação e saúde, a partir de proposta emancipatória.

2.1. Educação popular e saúde mental: referências de uma análise emancipatória

A Educação popular segundo Dias e Amarante (2022, p.189), seria definida como “um movimento contra-hegemônico aos processos de colonização e silenciamento de vozes historicamente oprimidas [...]”. Esta mobilidade busca constantemente lutar contra qualquer forma de opressão e alienação de saberes que foram e são até hoje marginalizados, utilizando como embasamento principal os ensinamentos de uma das grandes referências neste campo, o nosso grande Paulo Freire que dialogava em seus estudos por práticas considerando uma educação libertadora, democrática de participação, que converse com as realidades existentes. Dessa forma, o referido autor valorizava sobretudo, tanto quem ensina, quanto quem aprende nos centros públicos de ensino, articulando neste processo a educação e saúde como meios inseparáveis, e de direitos que devem desta forma caminhar juntos em nossa sociedade.

O teórico Karl Marx (1988) enfatizava em seus estudos que, quando menciona-se a respeito do trabalho humano, é necessário levar em consideração alguns aspectos importantes. O primeiro é que deve haver um bom planejamento, no segundo que é preciso arquitetá-lo para se chegar ao objetivo proposto em construir, transformando a natureza da vida de forma a promover novas competências e habilidades para um melhor desenvolvimento humano. Isso acontece, uma vez que, ao contrário da vida animal, o ser humano é um ser incompleto em constante evolução, por isso ao longo de toda a sua vida precisa estar se aprofundando em novos conhecimentos que serão estruturados coletivamente, a partir do diálogo, da escuta, da organização e da conscientização da realidade, o que irá caracterizar positivamente a sua história.

Entretanto, além de moldar e produzir esses novos conhecimentos e habilidades, é preciso antes de tudo mediá-los às novas e futuras gerações, e isso se torna ainda mais consolidado na escola, no trabalho diário do professor. Todavia, quando refere-se em educar, vê-se que esta não é uma tarefa fácil e que, não é de hoje, que a escola enfrenta desafios em seu meio, no trabalho de lecionar, por ainda estarem submetidos a um sistema no qual o currículo repassado é aquele cheio de imposições, regras que muitas vezes fogem da realidade dos contextos públicos de ensino em que grande parte da sociedade se insere. Nessa circunstância, Freire (2015) define a nossa educação como palavresca, ressonante, assistencializadora, que não comunica, mas sim faz comunicados, ou seja, vivencia-se hoje uma educação que necessita de mais diálogo, pois, parece centrar-se mais na palavra, no entanto pobre de experiência, de criticidade e de consciência da realidade.

Deste modo uma significativa parcela da sociedade na atualidade encontra-se em uma era onde o que verdadeiramente importa não é levado a sério, os complexos problemas sociais, educacionais, são tratados com uma relativização da qualidade da educação, em que oferecem precárias infraestruturas, escassez de recursos financeiros, de materiais didáticos-pedagógicos, de equipamentos, de diálogo e acolhimento necessários para um bom ensino-aprendizagem. Isso ocorre, muitas vezes, pelo fato de o Poder Público manter a lógica de manutenção das desigualdades sociais e educacionais.

Voltado a isso o sistema educacional hoje ainda faz uso na sua prática de uma concepção gestiva técnica-científica que se caracteriza por ser antidemocrática, marcada por ordens e regras que precisam ser cumpridas, que faz uma comunicação linear e hierárquica de cima para baixo, apropriando-se de um plano sem a contribuição e participação de quem verdadeiramente conhece a realidade da sala de aula, que é o professor e comunidade escolar, deste modo essa concepção presa apenas por uma “[...] organização controlada, a fim de alcançar maiores índices de eficácia e eficiência[...]” (Libâneo, 2012, p.445).

Desta maneira, Paulo Freire entra neste meio como o agente da mudança, como um estudioso, que enquanto sujeito crítico, buscava a transformação social e educativa da sociedade, para isso escreveu vários livros dentre eles a “Pedagogia da Esperança” como forma de luta e de esperança de muitos oprimidos em relação ao futuro e a dias melhores.

[...] a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao combate recriador do mundo. Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída (Freire, 1992, p.3).

Com base nesse pensamento de Freire, é preciso educar na esperança, na necessidade ontológica de que dias melhores virão, que preze pela existência individual e social, que se utilize de metodologias criativas e inovadoras de bem-estar físico e emocional, trazendo a interdisciplinaridade de temáticas necessárias a serem incluídas no currículo como Educação Popular em Saúde. Diante disso, é preciso trabalhar em conjunto, traçando metas e desvelando as possibilidades que tragam respostas aos problemas existentes no meio educacional através do diálogo e do acolhimento.

O livro Pedagogia da Esperança foi escrito com muita indignação, mas também com muita esperança, é uma crítica às ordens de poder alienante, de desordem, trazendo assim a

educação popular que tem como base principal a reflexão do que de fato é essencial no processo educativo, onde professor e aluno sejam os protagonistas neste processo.

Deste modo verifica-se a relevância e importância da obra citada acima dentro dos contextos educativos e sociais, porque foi a partir das ideias de Paulo Freire que muitos (classe pobre) tomaram consciência de sua realidade, e começaram a prover movimentos de luta, resistência e crítica ao descaso que vinham sofrendo pelas elites referente aos seus direitos como cidadãos, assim a pedagogia da esperança vem como uma metodologia popular de possibilidade, de resposta a problemas existentes, de forma que se tenham um sentimento de liberdade e esperança como ferramenta dessa transformação.

Destarte a isso, Paulo Freire e seus projetos foram e são inspirações para que outros projetos venham a surgir em torno da educação, em busca de melhorias para os problemas que o cercam. A exemplo disso, é a Campanha Janeiro Branco que foi criada na cidade de Uberlândia/MG, e que tem como principal meta convidar as pessoas a terem um cuidado maior para os assuntos que envolvem saúde mental e bem-estar, temática essa tão necessária na atualidade.

No início do ano as pessoas estão mais propensas a pensarem em suas vidas, em suas relações sociais, em suas condições de existência, em suas emoções e em seus sentidos existenciais. E, como numa “folha ou em uma tela em branco”, todas as pessoas podem ser inspiradas a escreverem ou a reescreverem as suas próprias histórias de vida (Vieira, 2023, p.3).

Esta é uma Campanha que deve ser levada e trabalhada em sala de aula, na escola, não só no início do semestre, mas que se torne rotina fixa, convidando os estudantes e professores a falarem sobre suas vidas, suas emoções, se tem um acolhimento em casa, e quais estratégias metodológicas a escola pode estar utilizando para promover a saúde mental, que na atualidade vem sendo tão afetada. Então é preciso combater a desesperança com a esperança, a motivação de conquistar projetos, traçar planos e realizá-los ao longo da vida, a Campanha vem justamente para mostrar que juntos somos mais fortes e que [...] “exemplos podem ser partilhados e ensinamentos podem ser difundidos” [...] (Vieira, 2023, p.3).

Reflexões como essas dialogam com a necessidade de ampliar a discussão sobre a saúde de discentes e docentes no contexto educativo, reflexões essas que vão ao encontro com o objeto de estudo da pesquisa em questão. Nessa perspectiva, dialogar sobre o processo de ensino-aprendizagem no contexto social e educacional adoecido torna-se de fundamental importância para redefinir novos conhecimentos e habilidades acerca da saúde mental de crianças e professores, de forma a tecer medidas e estratégias de como lidar e prevenir essa problemática, que será abordado na seção seguinte.

3. DIÁLOGOS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL ADOECIDO: A SAÚDE MENTAL DE NOSSAS CRIANÇAS E PROFESSORES NECESSITAM DE ATENÇÃO

Trazer à discussão o processo de ensino-aprendizagem é conversar com a formação de professores e alunos, é discutir acerca das práticas pedagógicas e as nuances implícitas nessa conjectura. E não meramente repetições de práticas, mas sim uma multiplicidade de considerações que envolvem vivências do conhecimento, do emocional, do contexto histórico-cultural. Nesse ensejo, trazer para o debate o processo de ensino-aprendizagem, bem como suas particularidades, em um contexto de ampliação do diálogo sobre a saúde mental na educação, é contribuir com a formação humana e emancipatória de milhares de indivíduos.

Nesse sentido, na seção que se segue aborda-se uma conversa introdutória sobre a docência e a sobrecarga de trabalho que vem prejudicando a saúde mental de nossos professores, bem como os desafios, para em seguida, ser apresentado as reflexões sobre nossas crianças, enfatizando sobre os seus aspectos socioemocionais, como forma de ampliar o debate sobre a saúde mental dos discentes e as implicações na prática pedagógica dos anos iniciais do ensino fundamental.

Destarte a isso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define a saúde mental como “um estado de bem-estar vivido pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades pessoais para responder aos desafios da vida e contribuir com a comunidade”.⁴ A saúde mental não está ligada apenas a doenças mentais como muitas pessoas imaginam, mas ao bem-estar físico e emocional, de forma a saber lidar com as situações diárias do cotidiano que venham a provocar essas diversidades negativas, interferindo assim na qualidade de vida do indivíduo.

3.1. Docentes e saúde mental: a prática pedagógica em questão

Uma das profissões de maior propagação no Brasil a fora é a docência, responsável por educar formalmente desde a infância até a fase idosa milhares de pessoas. “[...] Em cada um dos 5.570 municípios brasileiros há, pelo menos, um professor ou professora[...]” (Lima, *et al.*, 2023, p.9). Entretanto, no que tange a sociedade, infelizmente ainda existem muitos problemas perante o sistema de educação e a valorização da docência, que tem de alguma forma prejudicado a aprendizagem e desenvolvimento de educadores e educandos.

⁴ Saúde Mental- Ministério da Saúde. Disponível em:<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 20 mai 2024.

Dentro deste processo, o docente é visto pela sociedade como o agente responsável pela mudança, aquele que irá orientar e ensinar as crianças, os jovens, os adultos e idosos a serem sujeitos críticos independente da profissão que irão seguir. No entanto, nos dias atuais, observa-se cada vez mais profissionais que têm enfrentado problemas psíquicos devido às circunstâncias e adversidades que o ambiente de trabalho tem os acometido.

Com as mudanças sociais ocorridas durante a história, ocorreram algumas modificações fortes no campo do ensino, umas positivas e outras negativas. A criação de leis voltadas a essa área seria um positivo, mas falta ainda relacioná-las com a prática de quem realmente precisa, o negativo seria que devido às transformações o serviço de ensino público gratuito mais que dobrou no número de alunos, deixando dessa forma o professor sobrecarregado na tarefa de ensinar, na mediação de conhecimentos, atenção a cada aluno, atividades, provas e salas de aulas, o que fez também com que alunos ficassem extrapolados com tantos afazeres. “Além de educar, o docente precisa colaborar com a gestão e planejamentos institucionais que demandam tempo, é uma atenção mais extensa, que se alongue às famílias e também à comunidade”.⁵

Diante desta conjuntura, é imprescindível mencionar que, apesar de o professor ter um papel central no processo de ensinar, essa atuação de educar não dependerá somente deste para que de fato possa haver desenvolvimento e aprendizagem. Ainda hoje, observa-se que por mais que o docente tente inovar em suas aulas, ele enfrenta dificuldades, pois muitas gestões de ensino não oferecem materiais didáticos importantes para que as atividades relevantes aconteçam em sala, em muitos casos o próprio mestre é obrigado a comprar esses materiais com recursos próprios, de modo a facilitar a mediação do conhecimento e fazer com que o estudante realmente aprenda.

Ainda neste mesmo espaço, esses profissionais enfrentam rotinas intensas, passam por várias situações estressantes que acabam por afetar tanto sua saúde física como mental, como destaca Naujorks (2002) a respeito disso, quando diz que:

Queixas frequentes destes docentes evidenciam o agravamento do problema: a quase inexistência de projetos de formação continuada que os capacite para enfrentar esta “nova” demanda educacional; elevado número de alunos por turmas; infra-estrutura física inadequada; a falta de trabalhos pedagógicos em equipe; o desinteresse da família em acompanhar a trajetória escolar de seus filhos; a indisciplina cada vez maior; a desvalorização profissional, entre outras, revelam que, forçosamente, em seu cotidiano de trabalho, acabam tendo que lidar com situações que fogem de seu controle e preparo (Naujorks, 2002, p.1).

⁵ GASPARINI, Sandra, Maria; BARRETO, Sandhi Maria, ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

Assim, falar de saúde mental não é só falar da mente, mas do bem-estar físico e social, é preciso estar bem em ambos os sentidos, para que de fato possa haver desenvolvimento na aprendizagem. É preciso que se tenha hoje dentro do currículo escolar uma abordagem interdisciplinar de temáticas relacionadas à educação em saúde, bem como educação ambiental uma vez que esses temas transversais, infelizmente estão sendo pouco discutidos dentro dos reais contextos públicos de ensino, seja pelo professor ou a escola.

Conseqüentemente a isso a LDB/96 aponta que menciona-se que os assuntos curriculares encontram-se a encargo da promoção de conhecimentos e habilidades necessárias, a LDB/96 fomenta então o conceito das aquisições primordiais, e não somente dos mínimos conteúdo a ser lecionado.⁶ Sendo assim um requisito importante que deve ser revisto de forma a se refletir sobre o que realmente deve ser colocado como “prioridade” a ser ensinado. Diante dessa indagação é preciso se pensar em dois conceitos básicos quando se fala em qualidade de ensino, o primeiro que a educação é uma ferramenta de mudança, e o segundo que a saúde é relevante para o bem-estar das pessoas.

Logo, a educação e a saúde são práticas que devem estar articuladas, então a necessidade de a sociedade buscar conhecer de fato a real realidade do exercício da docência, seja as dificuldades que este profissional enfrenta hoje, e as situações cotidianas que geram o estresse e o esgotamento físico e emocional. Assim por ser influência é preciso que este esteja bem, é preciso dar-se e doar-se aos reais cuidados que os mestres precisam e carecem, uma vez que estes são considerados a peça principal na ação de educar, para que assim a relação professor-aluno não seja prejudicada.

Ao professor é repassado ordens, prazos, planejamentos extensos pelas quais estes precisam seguir à risca, aqui o tempo é o seu pior inimigo, já que em muitos casos estes profissionais precisam trabalhar em mais de uma escola para ter uma instabilidade financeira melhor, e assim poder promover uma vida com mais conforto a sua família. Além disso, esses se cobram e são cobrados o tempo inteiro por pais, mães e/ou responsáveis, escola e o sistema, sem enxergar os desafios em sala e na escola que acabam gerando estresse, e que embora com essa realidade, estes precisam mostrar resultados, mesmo sem terem um espaço de escuta, onde possam falar e serem ouvidos, é preciso se colocar no lugar deles, é preciso se pensar que os docentes assim como outros profissionais, têm uma vida fora deste ambiente que precisam ser levados em consideração.

⁶ Brasil, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <https://observatoriодоensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Documento-Final.pdf>, acessado em: 02/nov.2024.

Outro ponto que tem desmerecido o trabalho do educador conforme menciona *Oliveira, Assunção* (2009) é que, os projetos educacionais têm se ocupado mais dessa última e do ensino centrado no saber e no desenvolvimento dos conteúdos, com ênfase para o aprimoramento dos recursos pedagógicos [...]. Ou seja, todo o esforço e trabalho desempenhado pelo professor para que de fato o projeto pedagógico se concretize, ainda é bem pouco visto ou reconhecido, o merecimento como acontece vai justamente para o sistema de ensino.

A impressão que se dá é que parece que a sociedade em sua grande parte encontra-se em uma espécie de fechamento, às vezes desvalorizando, não acolhendo suficientemente ao próximo, e mesmo neste seio moderno em que se vive, é como se ainda estivesse em uma doutrina com visão do passado, em que as realidades de alguns sujeitos não são tão dignas de atenção, estando em um constante ciclo de “dependência” a qual bem diz Paulo Freire [...] “Quem chegou a ter título de senhor diz-nos Antonil - parece que em todos quer dependência de servos [...]” (Freire, 2015, p.70).

Em vista disso não a como pensar na metamorfose da sociedade, se esta não está aberta ao que efetivamente importa, como o diálogo, a valorização do professor e a uma prática pedagógica de qualidade nos meios em que de fato a educação acontece, que não seja hierárquica, mas libertadora e conscientizadora da realidade.

Por isso, o ambiente escolar é hoje caracterizado por um mutismo, em que parece que o sistema de ensino e muitos responsáveis na maioria das vezes não se atentam como de fato deveriam a algumas das problemáticas, como é o caso da saúde mental de professores e alunos. Por esse motivo a impressão que se dá na maioria das vezes é que o professor deve apenas ensinar, seguir ordens e regras da própria instituição de ensino, cumprir com os deveres e afazeres docentes, não tendo espaço em alguns casos para expressar alguma opinião, sugestão, realizar alguma tarefa que entende ser necessária na sala de aula, por não fazer parte das atividades propostas pela instituição para todo mês. Dessa forma, o professor precisa ficar “mudo” diante de algumas situações enfrentadas em sala de aula, porque precisa cumprir o que foi proposto, ou por que a própria instituição não sabe como resolver, ou até mesmo, em alguns casos, não se importa com tais casos e prefere ignorá-los, por entender que esse problema se resolverá com o tempo.

[...] Estávamos assim “conformados” em um tipo de vida rigidamente autoritário, nutrindo-nos de experiências verticalmente antidemocráticas, em que se formavam e robustecia sempre mais as nossas disposições mentais também e forçosamente antidemocráticas, quando circunstâncias especiais alteram o compasso de nossa vida colonial (Freire, 2015, p.72).

Destarte a isso, há a necessidade hoje na prática educativa a implementação de estratégias políticas sociais, coletivas, decisivas, não aquelas manipuladoras de ordens, mas aquelas em que o profissional e principalmente a criança recebam o seu devido valor. É necessário que promovam ambientes onde haja acolhimento, comunicação, organizações bem-sucedidas para que de fato se evite a sobrecarga de atividades do professor, possibilitando a este profissional um novo olhar sobre o mundo e sobre sua profissão. Além disso, é fundamental que se ofereçam as condições essenciais para que os objetivos traçados durante o ano letivo sejam alcançados pelo educador e educando que são os reais protagonistas neste processo.

Consoante a isso o novo Plano Nacional de Educação (PNE), traz a discussão a “necessidade de o novo PNE, a ser implantado entre 2024 e 2034, conter medidas de combate à violência nas escolas e de promoção da saúde mental entre os estudantes”⁷, essa nova medida tem como foco principal a melhoria da qualidade do ensino básico em todas as categorias de aprendizagem, assim para que isso se efetive foi recomendado durante uma audiência pública a integração de mais profissionais capacitados, atuantes na área da saúde como (Psicólogos e Psiquiatras), de modo que estes se tornem parte integral da rotina escolar, além da participação ativa de pais, mães e/ou responsáveis pelos pequenos, e de toda sociedade no desenvolvimento da escola, questões estas que serão postas como prioridade na construção do novo PNE, uma vez que a realidade escolar necessita urgentemente disso, devido ao aumento nos índices de sofrimento psíquico.

Assim, é conveniente nesta ação que a escola repense definitivamente as suas práticas educativas, a sua forma de pensar e agir, trazendo para o seu currículo temáticas transdisciplinares sobre educação em saúde, para que estimulem crianças, jovens, adultos e idosos a buscarem cada vez mais terem hábitos e atitudes saudáveis na prevenção desta problemática.

3.2. E nossas crianças? A saúde mental e o processo de ensino-aprendizagem em foco

A seção a seguir trará discussões necessárias acerca da saúde mental de crianças e as implicações no processo de ensino-aprendizagem. Enfatizando o teórico Jean Piaget e as suas reflexões sobre como se dá o desenvolvimento da criança e a importância de respeitá-las em

⁷ PNE deve promover saúde mental e combater violência em escolas, aponta debate, Fonte: Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/09/22/pne-deve-promover-saude-mental-e-combater-violencia-em-escolas-aponta-debate#:~:text=A%20necessidade%20de%20o%20novo, pelos%20participantes%20da%20audi%C3%Aancia%20p%C3%BAblica>. Acesso em 07 out 2024.

cada fase, além disso enfatizou-se também alguns fatores que estejam contribuindo para afetar a saúde mental das crianças e a importância do professor para promover um ambiente afetivo.

Quando se discute sobre educação, nos vem em mente a difusão de ideias para o desenvolvimento e a aprendizagem humana ao longo de sua vida, dentro desse processo de progresso existem várias áreas de estudo, que se destinam constantemente a entender a natureza humana desde o nascimento até seu último dia de vida.

Dentre essas áreas se destaca a Psicologia, que de certa forma está presente na educação como um instrumento necessário a contribuir para o entendimento de como acontece e se dá o desenvolvimento do ser humano e das relações sociais, podendo colaborar com o processo de ensino-aprendizagem. No interior da Psicologia existem diferentes perspectivas teóricas importantes para o campo do desenvolvimento humano, que surgiram por meio de análises de observações cuidadosas e pesquisas com diversas pessoas de diferentes faixas etárias e contextos de vivências.

Entre essas perspectivas, pode-se mencionar a teoria da epistemologia genética do pesquisador Jean Piaget, que busca compreender cada fase do desenvolvimento humano na construção do conhecimento. De acordo com Piaget (1978, p.2), “o desenvolvimento das estruturas cognitivas humanas não surge por acaso, e muito menos nasce com o indivíduo”. Ela acontece por meio de um processo diário de novos conhecimentos, que se dá ainda antes do bebê nascer e que se perpetua na passagem das fases ao longo da vida.

O estudo piagetiano centrava-se na criança, na sua edificação de saberes por meio do convívio e contato com o meio em que vive, através dessas relações surgem desafios durante a edificação dos conhecimentos que são necessários para o crescimento do pequeno, neste meio se destaca a assimilação e a acomodação que estão relacionadas a organização mental, ao qual irá ajudar a criança a solucionar um problema seja ele antigo ou novo. Sobre esse processo de saberes do ser humano acerca do mundo a sua volta, Piaget elaborou quatro estágios, que seguem uma ordem fixa de estrutura cognitiva do pequeno, que seguem nos parágrafos seguintes.

O primeiro estágio é o Sensório-motor que acontece desde o nascimento até os 2 anos, quando a criança começa a desenvolver a linguagem, sendo assim uma fase crucial e marcante na vida do indivíduo. “Este período é definido pelas ações da criança sobre o mundo por meio dos órgãos sensoriais e de suas capacidades motoras advindas dos esquemas reflexos[...]” (Lopes, Lucca, 2012, p.15). Ou seja, é nesta fase que o pequeno começa a se desenvolver e relacionar-se com o meio a sua volta, através de suas ações sobre ele.

O segundo estágio é o Pré-operacional que acontece dos 2 aos 7 anos , aqui a criança já possui uma percepção de mundo, e de linguagem mais desenvolvida, baseia-se em atividades mais representativas em transformar objetos em brinquedos utilizando sua imaginação, assim a criança “[...] transforma o real para satisfazer seu modo de pensar, a partir de suas próprias percepções [...]” (Lopes, Lucca, 2012 p.17).

O terceiro estágio é o Período das Operações Concretas, em que a habilidade de pensar é ampliada, ele acontece dos 7 aos 11 anos, é uma fase que a criança adentra ao ensino fundamental, terá novas amizades, rotinas, adaptações e conteúdos diferentes. Neste período a criança já possui um raciocínio mais concreto, o que faz com que tenha mais facilidade e rapidez para resolver problemas matemáticos.

O último estágio é o Operacional Formal que acontece dos 11 anos em diante, aqui a criança começa a criar novas formas de pensar, construindo sua identidade, passando para a fase da adolescência, em que “[...] o jovem poderá questionar e propor soluções para sistemas sociais e familiares, assim desenvolvendo a sua autonomia [...]” (Lopes Lucca, 2012,p.19) ampliando e evoluindo suas definições e valores sobre o mundo que o cerca.

Neste parecer, durante estes períodos de estágios é importante ter uma atenção maior, pois são fases marcadas por transformações sejam elas físicas, cognitivas, sociais e emocionais, que se não são bem administradas podem levar a criança ou o adolescente a ter um desenvolvimento inadequado.

É preciso que na atual conjuntura de ensino repensem suas gestões e práticas pedagógicas, principalmente aquelas que, de modo geral, possam vir a afetar a saúde mental de educadores e educandos, seja em questão do ambiente (falta de diálogo) pressão da escola e famílias e até mesmo falta tempo para relaxarem ao ar livre.

É fundamental que a escola e os professores conheçam e ofereçam uma educação voltada às teorias de Jean Piaget, que busquem trabalhar o corpo e a mente de forma equilibrada, que proponham desafios mas também descobertas, sempre respeitando cada fase do desenvolvimento da criança, além de se pensar nos desejos, sensações e propriedades de cada aluno(a) de forma que essa interaja com o seu meio.

E por passar a maior parte do tempo na escola, é preciso também que os docentes estejam bem (fisicamente e emocionalmente) de forma a promover um ambiente acolhedor e de diálogo, já que os problemas emocionais dos educadores podem repercutir na sala de aula com os alunos, ou vice e versa. Então é necessário reforçar que a saúde mental de ambos é importante e que deste modo devem ser prezadas e cuidadas.

Dentro desse contexto não poderia deixar de mencionar um dos agravantes que contribuiu ainda mais para o adoecimento mental de nossa sociedade, dentre eles alunos e professores, que foi a pandemia de Covid-19. Durante esse período, os indivíduos tiveram que se isolar em casa, cortar relações sociais, mudar seus hábitos e comportamentos para se protegerem, isso representou um desafio enorme principalmente para as crianças, o que fez com que modificassem radicalmente seu dia a dia. Vivenciar esse momento e se adaptar ao ensino remoto gerou ainda mais estresse, insegurança, preocupações, dificuldades de aprendizagem e muito medo em decorrência da transmissão do vírus.

No retorno das aulas presenciais professores e alunos não tiveram da escola o acolhimento do qual precisavam naquele momento, o que só piorou ainda mais a situação. Nos adultos os problemas mentais decorrem dos desafios cotidianos, já na infância se mostram como dificuldades de desenvolvimento, conseqüentemente se o professor não está bem a criança, que está em fase de desenvolvimento e que necessitam da afetividade, de cuidados que às vezes não tem em casa e nem na escola e que vivenciam essas sensações negativas do contexto também não estará. Assim, é preciso estar atento aos fatores de risco que podem ou que estão desencadeando esta problemática.

Se para um adulto é difícil governar as emoções, imagina para uma criança que ainda está em processo de autodescobertas e conhecimento de si e do meio a sua volta. Logo conforme seu crescimento e vivências positivas essa irá moldando estratégias de como lidar com os seus sentimentos e com as questões conflituosas que venham estar lhe causando algum mal, seja físico ou mental, por isso a importância de se ter uma parceria, um diálogo, um espaço privilegiado que trabalhe o corpo por inteiro e que ofereçam metodologias de combate e prevenção às doenças mentais.

Neste pensar um dos fatores que podem causar sentimentos negativos a criança é o ambiente, o meio ao qual fazem parte de sua rotina de vida, conseqüentemente se essa tem um relacionamento seguro com seus pais, familiares e a escola essa criança terá uma qualidade de vida adequada ao seu crescimento. Todavia, caso aconteça ao contrário e dentro deste espaço de convivência, a criança passe por conflitos, inseguranças, não tenha um vínculo afetivo entre ambos, é cobrada e por esse motivo faz com que esta venha a ter uma responsabilidade desde cedo e que não é sua, esta terá sua saúde mental abalada podendo evoluir para uma ansiedade, considerando todos esses fatores negativos, assim torna-se importante a junção família e escola como meios necessários ao bem-estar do pequeno.

Trazendo para a visão de alguns teóricos acerca da saúde mental Caires, Shinohara (2010, p.63) descrevem que: “A ansiedade é um estado emocional com comportamentos

psicológicos e fisiológicos, que faz parte do desenvolvimento do ser humano, podendo tornar-se patológica quando acontece de forma exagerada e sem uma situação real ameaçadora que a desencadeia [...]”.

A ansiedade se mostra como um sentimento comum importante que faz parte do cotidiano do ser humano, e que tem se mostrado cada vez mais presente em nossa sociedade, de vidas aceleradas seja em casa, no trabalho ou na escola, e que tem por finalidade nos alertar sobre situações cotidianas que nos tragam algum perigo, fundamentando assim como um instinto de sobrevivência. Todavia quando este medo intenso passa a causar sofrimento, dor, de modo a ocasionar um sentimento desagradável, de angústia por algo estranho, repentinamente deve-se acender um alerta e procurar ajuda profissional.

Ao que se refere ao conceito de saúde mental, Souza e Baptista (2017, p.209) argumentam que “[...] é o estado que permite ao indivíduo o aproveitamento total de suas capacidades cognitivas, afetivas e relacionais, o enfrentamento de dificuldades na vida, a contribuição para ações em sociedade e a produção no trabalho”. Deste modo observa-se que lidar com as questões afetivas, emocionais não é algo fácil, mas complexo, por estar ligado a uma gama de princípios que podem nos trazer coisas boas ou não, vai depender da forma como lidar com isso.

A definição acerca da saúde mental tem de ser vista de forma mais vasta investigando continuamente a historicidade do distúrbio mental como um todo. Aconselha-se, refletir, ainda sobre o surgimento desse adoecimento nos vários ambientes vividos pelas pessoas, salientando que a saúde mental percorre desde características sociais, econômicas, culturais e ambientais. Surgindo assim neste processo uma argumentação necessária à saúde mental infantil (Figueredo, Abreu, Souza, 2021).

Em vista disso, as emoções são sentimentos presentes nas atividades diárias das pessoas como forma de expressão, todavia quando essas emoções passam do ponto tido como normal, conduzirá impactos negativos a vida e saúde destes, a criança por exemplo no seu processo de formação escolar apresenta complicações na sua aprendizagem, desenvolvimento e seu bem-estar, e esse sentimento de incapacidade pode agravar ainda mais a situação.

Os autores Estanislau *et al* (2014, p.1) alertam que: “[...] 10 a 20% das crianças e adolescentes apresentam algum tipo de transtorno mental [...]”. E isso está associado às diferenças culturais e sociais do nosso país, assim crianças e jovens com algum problema psíquico costumam mostrar uma baixa desenvoltura no processo de ensino-aprendizagem.

Já que muitas vezes pode acontecer de o professor identificar em sala de aula algum problema mental na criança e não saber lidar com a situação, por não ter um preparo profissional

e nem uma ajuda da escola e do próprio sistema quanto a isso. Assim é preciso estar atento aos fatores de risco que podem estar desencadeando essa problemática na criança, como a falta de estímulos em relação à aprendizagem, falta de afetividade, violências, *bullying*,⁸ perdas de algum ente querido por ele(a), fatores esses que passam despercebidos em grande parte das escolas e familiares.

Por conseguinte, a isso Sampaio *et al* (2017, p.55) acrescentam que “[...] a afetividade na sala de aula e a relação professor-aluno é fundamental já que interferem diretamente na formação do conhecimento e da personalidade dos estudantes [...]”. Logo essa relação será muito mais do que apenas ensinar conteúdos didáticos, mas criar laços de companheirismo em suas convivências na escola, ao qual estimule o aluno e aumente o seu potencial por meio de afetos, vínculos estes que irão ganhando a confiança do aluno, fazendo com que este passe a enxergar o professor como alguém ao qual poderá contar sempre que precisar.

Segundo Soares *et al* (2014) a temática como a saúde mental no ambiente escolar ainda é pouco discutida, já que as informações normalmente que adentram nesta área são superficiais, o que faz com que o docente não saiba como agir, se sentindo assim inseguro.

Nesse sentido, a ajuda profissional de quem realmente entende do assunto se torna fundamental pelo fato de que pode também acontecer de o professor tomar conclusões precipitadas quanto a criança, podendo representar uma distorção do que vê e acha ser, já que porventura pode ocorrer do pequeno ou do jovem apresentar uma dificuldade na aprendizagem e necessariamente não ser nenhum transtorno mental. A respeito disso, “[...] a falta de diálogo tem sido pano de fundo para um número crescente de encaminhamentos precipitados para a rede de saúde de muitos jovens com problemas de aprendizagem (Estanislau *et al*, 2014, p.19).

Posto isto, não existirá uma receita pronta em que o educador irá poder identificar um transtorno mental por exemplo, já que cada pessoa (criança) tem suas particularidades próprias, o que vai diferenciar não é a forma de perceber os agravantes de risco que irão provocar essa complicação, mas a maneira de como deve lidar, de quais estratégias utilizar para prevenir esse agravante na criança, já que na rotina escolar muitos fatores (desafios) podem ocasionar a saúde mental do pequeno, por não saber distinguir o medo que sentem se é normal ou excessivo.

Digo isso porque na prática escolar é muito comum ouvir crianças relatarem que tem medo de escuridão, de ficar sozinho, seja em casa ou na escola, medo dos pais se separarem, medo de avaliações, de falar em público e até mesmo de morrer, outros neste mesmo ambiente

⁸ O *bullying* é a prática de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, cometidos por um ou mais agressores contra uma determinada vítima. O termo em inglês "*bullying*" é derivado da palavra "*bully*" (tirano, brutal). Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/bullying/>. Acesso em: 21 Out 2024.

choravam sem saber o porquê, ficam agitados, ou querem ir embora para casa, e esses fatores estão ligados aos princípios mencionados anteriormente (falta de estímulos, de afetividade, de acolhimento, de confiança), gestos esses que são cruciais para uma boa desenvoltura e aprendizagem da criança.

A Lei nº 3.657/89 é uma política pública direcionada a pessoas com transtornos mentais, todavia como já era de se imaginar não se levaram em consideração as peculiaridades da infância, sendo assim negligenciada em seus direitos. Durante a história de nossa sociedade a saúde mental estava ligada ao adoecimento físico e as pessoas portadoras de algum problema psíquico eram tratadas como loucas, surgindo assim estereótipos (discriminações) que dificultaram ainda mais a vida de muitos, e que ainda continua a persistir na contemporaneidade.

Dentro deste aspecto:

[...] os estudos dos transtornos psiquiátricos infantis eram direcionados, na sua maioria, para os transtornos psiquiátricos do neurodesenvolvimento, desconsiderando-se os transtornos mentais leves. Esse entendimento acompanhava o senso comum da sociedade que não considerava a possibilidade de uma criança ter algum problema psicológico como depressão, ansiedade e estresse, afinal “eram só crianças [...]” (Figueiredo, Abreu, Souza, 2021, p.3).

Assim, quando se trata de saúde mental é comum encontrarem problemas mentais leves nos pequenos, que pode começar por uma mudança de comportamento, agressividade e evoluir para uma ansiedade que se não foi tratada pode-se agravar para um transtorno mais sério, afetando assim suas relações e aprendizagens.

Vale lembrar que este preconceito enraizado na sociedade se dá pela falta de informação e conhecimento sobre a temática da saúde mental, assim a necessidade da escola e das famílias em trabalho conjunto buscarem intermédios quanto a esses estigmas principalmente na infância, já que por estarem em fase de desenvolvimento essa atitude se torna crucial na prevenção e no rompimento desses rótulos intolerantes.

Neste pensar a educação deve instituir práticas que desconstruam esses paradigmas preconceituosos das crianças com algum transtorno mental e dos rótulos criados durante a história de que a saúde estaria ligada somente a doenças. Deste modo a saúde deve ser uma ferramenta dialógica que atribua variadas temáticas necessárias ao desenvolvimento pleno da criança.

Assim é essencial que haja uma capacitação referente ao professor(a), já que:

As percepções dos profissionais da escola a respeito da manifestação do sofrimento psíquico remete, também, à discussão sobre o que tem sido debatido criticamente na literatura: os critérios utilizados por profissionais da saúde e da educação para identificar “alunos problema” que não se enquadram às regras e às normas escolares e, portanto, são indiscriminadamente tidos como hiperativos, por exemplo, simplificando e reduzindo a criança e sua condição, sem considerar aspectos mais amplos que podem estar envolvidos, dentre eles o espaço escolar (Cid *et al.*, 2019, p.10).

Deste modo é preciso levar em consideração as situações cotidianas e escolares que possam está contribuindo para o sofrimento psíquico, de forma a pensar se essa criança não está sofrendo *Bullying*, se as estratégias pedagógicas adotadas pela escola e professor são adequadas ou estão causando uma dificuldade de aprendizagem no pequeno, ou se o profissional da educação está tendo uma preparação quanto a essa problemática, já que: “Algumas vezes, a ansiedade dá seus primeiros sinais logo na infância. As evidências sugerem que tanto a genética quanto o ambiente em que as pessoas vivem podem contribuir para o transtorno”⁹.

Entende-se que por vezes o transtorno de ansiedade pode apresentar-se ainda na infância, quando a criança ainda está no processo de desenvolvimento de suas emoções, em alguns casos pode acontecer do pequeno ter um histórico familiar para a ansiedade, outras vezes o próprio ambiente em que vivem favorece para o surgimento deste transtorno, mas que é fundamental pensar-se que apesar da influência de fatores, isso não significa dizer que a pessoa fique prisioneira a esse problema, pois há tratamento, ou seja mediações que devem ser seguidas para que possa levar uma vida normal e saudável.

Ressalta-se que os transtornos de ansiedade são os quadros psiquiátricos mais comuns na infância e na adolescência. Estima-se que de 10% a 15% da população nessa faixa etária tem algum transtorno, desde casos mais leves até casos mais graves e com grande prejuízo funcional, destaca-se ainda, que o problema é mais frequente em menina¹⁰.

Assim, a escola deveria então ser uma segunda casa responsável pela formação plena em todos os sentidos. Entretanto neste mesmo espaço as crianças se deparam com situações difíceis as quais lhes deixam mais preocupadas e ansiosas. Ao se tratar sobre as avaliações, Magalhães (1999) pontua que:

[...] A verdade é que para muitos alunos e alunas a situação de avaliação, que se entende como sinônimo de “teste”, constitui um dos principais obstáculos ao sucesso da sua realização escolar. Estes percebem que não possuem

⁹ 4 Psicólogo e terapia. Ansiedade: o que é, sintomas e tratamento. 1 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.psicologoeterapia.com.br/blog/ansiedade/>. Acesso em: 06 out 2023.

¹⁰ RIBEIRO, Maiara. Ansiedade em crianças: como reconhecer os sintomas? Publicado em: 22 de junho de 2022; Revisado em: 25 de julho de 2022, acesso em: 09/10/2023, disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/ansiedade-em-criancas-como-reconhecer-os-sintomas/>.

recursos suficientes para alcançar os resultados desejados e sentem-se de tal forma ameaçados que podem responder a situação de ameaça com “ataques de ansiedade [...] (Magalhães, 1999, p.7).

No contexto escolar, a avaliação é um mecanismo que muitas vezes é visto por muitos estudantes de forma complicada, difícil, causando em muitos casos como mencionado acima os ataques de ansiedade que pode variar de aluno para aluno, uns com mais intensidade e outros com menos, mas que no entanto, quando essa ansiedade passa do nível saudável, pode vir a comprometer com a evolução acadêmica dos dois sexos, seja ele menino ou menina. Desta forma a ansiedade face aos testes é aquela em que o educando vê a avaliação como uma ameaça, uma preocupação, por se achar, em muitos casos, incapaz de atingir o objetivo proposto numa determinada atividade avaliativa, e isto tem sido motivo de inquietação de professores e gestores no processo de ensino-aprendizagem.

É importante levar em consideração um fator que pode está influenciando de alguma forma as circunstâncias de aflição que muitos estudantes têm passado em sua vida que é o autoconceito, ou seja, a visão que o sujeito constrói ao longo da vida de si mesmo, e que pode de alguma forma intervir negativamente ou positivamente no comportamento do discente em ocasiões de ansiedade (Souza, 2016). Por isso a necessidade de estudos voltados a essa temática que busquem ajudar profissionais da educação e famílias a procurarem estratégias de prevenção a este transtorno, a fim de possibilitar desta forma avanços no processo de aprendizagem tanto na vida escolar como social do aluno.

Dentre as ferramentas metodológicas que se configuram como importantes estratégias para contribuir na promoção da saúde mental, destaca-se o “Círculo de Cultura” do renomado Paulo Freire. O círculo de cultura caracteriza-se como um “facilitador do empoderamento dos indivíduos sobre sua saúde e seus direitos enquanto cidadão e pode ser aplicado em diferentes contextos” (Borges *et al*, 2022, p.235). O uso dessa ferramenta como prática pedagógica promove o diálogo, a aproximação e o fortalecimento de vínculos entre alunos, professores e familiares.

Assim como prática transformadora o objetivo do círculo de cultura seria não o de tecer medidas de curar doenças, mas principalmente de promover momentos diários em que todos que constituem a comunidade escolar se sintam bem, estejam bem, tenham saúde e empoderamento sobre o acesso aos serviços sociais ao qual tem direito enquanto cidadão (Borges, 2022).

Neste sentido, “Pensar em educação é pensar para além de uma educação que se faz sozinho, é trabalhar em conjunto com a comunidade e tirar a responsabilidade de educar

somente dos professores” [...] (Lima *et al*, 2023, p.4). É pensar numa prática em que a família também esteja vinculada, no ato de estar sempre por perto acompanhando seu filho(a) e promovendo assim uma parceria entre escola e professores.

Neste proceder a educação popular se faz necessária neste contexto como aquela que irá buscar o crescimento pleno de toda comunidade escolar, que oferte rodas de conversas com um profissional habilitado, que traga justamente a educação e a saúde como meios inseparáveis, desmistificando essa ideia preconceituosa que muitos construíram acerca da psicologia, das pessoas que sofrem com algum problema psiquiátrico, dando a entender que quem faz tratamento com psicólogo é estigmatizado como louco.

4- ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia tem como base principal apresentar os procedimentos utilizados na trajetória da pesquisa, bem como os instrumentos adotados na produção de dados, os métodos de análise, além da natureza da pesquisa a ser realizada, verificando as particularidades do estudo em questão, além do ambiente e dos participantes do estudo. Neste viés esses aspectos se tornam necessários para que de fato a pesquisa seja construída e efetivada com planejamento, uma vez que esses mecanismos metodológicos têm como objetivo conduzir o caminho a ser seguido.

Neste pensar, apresenta-se nesta seção os recursos orientadores que serviram de apoio fundamental para que a pesquisa fosse desenvolvida, a começar pela consideração do tipo de pesquisa, o ambiente e os sujeitos contribuintes, assim como a técnica e os procedimentos de análise de dados da pesquisa.

4.1 Classificação da pesquisa

Quanto à utilização dos resultados, a pesquisa se caracterizou como de natureza aplicada. Gerhardt e Silveira (2009, p.35) afirmam que esse tipo de pesquisa “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolvendo verdades e interesses locais”. Ou seja, é um tipo de estudo que busca propor melhorias e intervenções para uma problemática em questão, que nesta pesquisa é a Saúde Mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental: implicações na prática pedagógica no contexto de Oeiras-PI.

No que tange à natureza do método, essa pesquisa é de abordagem qualitativa, e que conforme Vieira (2008, p.99) destaca que “na pesquisa qualitativa, o pesquisador busca classificar, ordenar ou medir as variáveis para descrevê-las ou para estabelecer associações e relações entre elas [...]”. Em outras palavras, nesta perspectiva, o pesquisador procurará, despertar diálogos, e analisar uma temática voltada a sua realidade, a um problema em questão que precisa de alternativas de prevenção, busca de saberes ímpares sobre uma pergunta em que os conhecimentos acessíveis ainda são tidos como poucos para a sociedade contemporânea.

Referente aos fins, o estudo classifica-se como de caráter descritivo, que de acordo com Gil (2008, p. 28) “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis [...]”. Isto é, descrever aspectos ou fenômenos mais aprofundados referente a um

determinado lugar ou grupo, como por exemplo a saúde mental de crianças voltadas ao contexto escolar como retrata a presente pesquisa.

4.2 Cenário empírico do estudo

O local que serviu de cenário para a produção dos dados compreendeu três (03) escolas públicas da Rede Municipal de Educação, ambas localizadas na zona urbana da cidade de Oeiras-PI, que ofertam o Ensino Fundamental nos anos iniciais. Destes ambientes educativos, obteve-se a colaboração de seis (06) profissionais, sendo quatro (04) da Escola Raio de Luz, uma (01) da Escola Florescer, e uma (01) da Escola Raízes do Saber. Ressalta-se que se optou por designar nomes fictícios para tais escolas para preservar a sua identidade.

O motivo pela escolha dessas escolas, foi que, em primeiro lugar, quatro(04) professoras participantes da pesquisa lecionam na Escola Raio de Luz pela qual a pesquisadora em questão estagiou e atuou no Residência Pedagógica, segundo por ser uma profissional conhecida da Escola Florescer e que se prontificou a participar do estudo de forma contributiva. Já o terceiro motivo está relacionado ao fato da professora da Escola Raízes do Saber ter atuado significativamente na formação da pesquisadora deste estudo durante o Ensino Fundamental. Além disso, por serem também contextos e realidades diferentes.

4.3 Partícipes da pesquisa: diálogos com o perfil profissional

O estudo em questão contou com a participação de seis profissionais da educação, sendo cinco docentes e uma coordenadora pedagógica, que atuam nos anos iniciais do ensino Fundamental, na Rede Pública de ensino de Oeiras-PI. A seleção dos interlocutores partiu do entendimento de que o educador desempenha um papel crucial na promoção da saúde mental e no desenvolvimento integral das crianças, uma vez que estes “vivenciam diariamente as situações adversas do ambiente escolar que, muitas vezes, estão relacionadas à vivência dos estudantes, tendo que lidar com as demandas acadêmicas e pessoais trazidas pelas crianças” (Cid *et al.*, 2019, p.20).

Desta maneira, seguiu-se alguns critérios primordiais para participação desta pesquisa: ser professor dos anos iniciais do ensino fundamental; ter interesse em participar do estudo; ser professor da rede pública de Oeiras/PI. Para realização desta pesquisa, a pesquisadora foi até as escolas apresentar o estudo para a gestão e interlocutores, a fim de ser autorizada a realização da pesquisa. Com a aceitação destes, foi requerido também os contatos pessoais, em caso de alguma dúvida dos colaboradores sobre o questionário entregue e para o diálogo entre ambos.

Com a finalidade de preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa, uma vez que os mesmos não autorizaram a divulgação de nomes, utilizou-se as seguintes nomenclaturas C1, C2, C3, C4, C5 e C6 de forma a identificar cada profissional preservando suas identidades. Desta forma, o Quadro 1 que se segue abaixo corresponde ao perfil pessoal e profissional dos professores, considerando o questionário proposto para os partícipes:

Quadro 1: Perfil pessoal e profissional das professoras

Identificação e qualificação profissional	C1	C2	C3	C4	C5	C6
Idade	32	29	30	40	56	47
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Formação acadêmica	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Licenciada em Computação	Licenciatura Plena em Ciências e Licenciatura em Pedagogia	Licenciada em História e Bacharel em Direito
Pós-graduação	Educação infantil e Ensino fundamental (anos iniciais)	Transtorno do Espectro Autista	Não	Não	Educação Infantil	7 Esp. nas 2 áreas de formação
Profissão	Professora	Professora	Professora	Professora	Professora	Professora e Advogada
Tempo de experiência	2	4	3	18	21	25 na docência e 12 como advogada
Área de atuação	Polivalência	Polivalência	Coordenação Pedagógica	Ensino fundamental	Polivalência	Polivalência
Tempo de atuação no Ensino fundamental (anos iniciais)	1 ano	4 meses	4 meses	3 anos	4 anos	6 anos

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2024.

Observa-se, deste modo que as docentes colaboradoras são todas do sexo feminino, com idade entre 20 a 60 anos. Com relação a qualificação das profissionais, identificou-se que quatro destas são pedagogas, uma licenciada em computação, e uma licenciada em história e bacharel em direito, sendo que apenas quatro possuem pós-graduação, e duas destas já exercem a profissão há bastante tempo. Ademais, somente uma possui mais tempo de experiência sendo assim polivalente comparadas às outras.

Importante salientar que a interlocutora C4 apresenta formação acadêmica completa apenas em computação, e atua nos anos iniciais do ensino fundamental sendo que o trabalho

em questão intitulado como Saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental: implicações na prática pedagógica no contexto de Oeiras-PI, que o foco de estudo é a pedagogia. Diferente das demais colaboradoras, a C4 ainda está cursando pedagogia como sua segunda graduação.

4.4 Procedimentos de produção de dados: diálogos com o questionário na pesquisa em educação

Para a realização do estudo aqui apresentado foi utilizado um questionário, com algumas perguntas que foram entregues de forma presencial aos docentes e a coordenadora pedagógica de algumas escolas públicas de Oeiras-PI. As perguntas foram elaboradas de natureza objetiva e clara, de tal maneira que os participantes desta pesquisa pudessem se sentir à vontade para refletir e apresentar suas colaborações acerca da saúde mental de crianças no contexto escolar, de forma a contribuir para a escrita desta análise.

Quanto aos procedimentos, primeiramente, teve o contato e o diálogo com alguns gestores(as) das escolas públicas localizadas em Oeiras-PI, nos meses de maio e junho de 2024 para esclarecimento sobre essa pesquisa, de forma a obter a autorização para que o questionário fosse aplicado. Em seguida, foi marcado uma data e horário acessível para ambos para a produção de dados essenciais ao estudo. O contato com as colaboradoras aconteceu entre os meses de maio a julho devido a demanda acadêmica dos sujeitos da pesquisa, então foi requerido um tempo maior.

Com a voluntariedade e aceitação dos sujeitos colaboradores, foi disponibilizado a esses o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) sempre enfatizando que as informações coletadas neste estudo serão de caráter anônimo e confidencial das ideias que aqui serão registradas.

Para que essa pesquisa em questão se realizasse da melhor forma possível, foi-se requerido como recurso metodológico o estudo de campo, usando como técnica de produção o questionário. O motivo pela escolha desta ferramenta de pesquisa seria por ser um meio mais acessível às colaboradoras, por questões de tempo, de rotinas intensas, respondendo-a a esses questionamentos no momento mais propício, ao qual os docentes acharem ser favorável, sendo assim uma forma ao qual tornou o estudo realizável. Sobre isso, Gil (2008, p.121) nos diz que:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos

respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto-aplicados.

Neste viés, foram utilizadas no questionário da pesquisa questões abertas para que as colaboradoras deste estudo se sentissem à vontade e livres para respondê-las. Deste modo, por meio deste recurso “solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas” (Gil, 2008, p.122). O instrumento para reunir a produção dos dados foi feito mediante *word* com perguntas voltadas diretamente para a realidade ao qual vivem os alunos, docentes e a escola sobre questões físicas, emocionais e sociais.

Durante a elaboração do questionário optou-se por questões subjetivas, abertas, utilizando o máximo de clareza possível para facilitar a compreensão dos interlocutores no momento de responder. A entrega do questionário aconteceu de duas formas, uma presencial e outra via *WhatsApp*, depois da aceitação dos docentes em colaborar com o estudo. Vale ressaltar que o aplicativo *WhatsApp* foi um meio que contribuiu de forma significativa para manter o contato e tirar as dúvidas, caso surgissem, quando as professoras fossem responder, além de ser um instrumento bastante utilizado nos dias atuais, possibilitando uma comunicação mais rápida.

O questionário foi entregue no mês de maio às participantes, todas atuantes na zona urbana. Através deste instrumento, foi possível conhecer um pouco sobre o perfil pessoal e profissional pelas quais englobava os seguintes aspectos: idade, sexo, formação acadêmica, pós-graduação, profissão, tempo de experiência, área e tempo de atuação nos anos iniciais do ensino fundamental. Buscou-se também questioná-los sobre: as concepções sobre a saúde mental no contexto educativo, suas implicações no desenvolvimento da prática pedagógica de crianças, caracterização da prática pedagógica, os desafios e os problemas enfrentados no que se refere a saúde mental das crianças no contexto de sua prática, além das metodologias e estratégias que trabalham a saúde mental de crianças. Todas responderam dentro do prazo estipulado pela pesquisadora.

4.5. Organização do corpus do estudo: a análise de conteúdo na pesquisa sobre saúde mental

A análise dos dados em questão apresenta como enfoque os trabalhos de Bardin (2004), que trata sobre a análise de conteúdo. Neste enfoque observou-se a organização dos dados, através de categorias e subcategorias teóricas, na qual primeiramente foi realizada uma leitura criteriosa das informações requeridas no procedimento de produção de dados. Assim esse método se configura como um conjunto de estratégias de:

análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2004, p. 41).

Nesta linha de pensamento, o procedimento aconteceu após a verificação dos dados reunidos na pesquisa, em que inicializa com a primeira fase intitulada como pré análise, que se configurou como o levantamento e a leitura do material recolhido o que fez com que deixasse claro “uma sistematização de ideias preliminares diante de nossas investigações, as quais enalteceram as próximas fases” (Sousa; Santos, 2000, p.1406). Logo depois veio a organização do material, para encaminhar para segunda fase, que foi a exploração do material com a criação de categorias, para assim poder concluir com a última fase, que foi o tratamento dos resultados, interferência e interpretação reflexiva e crítica. Vale salientar que se seguiu etapas para o desenvolvimento da análise de conteúdo definida nos estudos do teórico Bardin (2004).

Desta forma o Quadro 2 abaixo apresenta as categorias iniciais da análise respectivas ao questionário, para uma maior compreensão e organização do estudo em questão:

Quadro 2: Categorias de análise iniciais

Categorias iniciais		Questões respondidas pelos entrevistados
1	Concepção sobre saúde mental: reflexões no contexto educativo	Considerando suas concepções, o que é saúde mental? Qual a importância da saúde mental no contexto educativo?
2	Prática pedagógica e saúde mental: o que pensam os professores	No contexto escolar, entendemos que tanto docentes, profissionais da saúde, quanto discentes precisam de voz, com o intuito de entendermos o que vem ocorrendo no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem no que envolvem as questões de saúde mental. Considerando suas experiências, quais as implicações ou consequências que as questões de saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental podem provocar no desenvolvimento da prática pedagógica? Como você caracteriza sua prática pedagógica na perspectiva das reflexões sobre a saúde mental?
3	Desafios e problemas na prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental sobre saúde mental	Elenque os principais problemas que envolvem a saúde mental das crianças no contexto de sua prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental?
4	Metodologias e estratégias que trabalham a saúde mental de crianças	Na sua prática pedagógica, você utiliza alguma metodologia que objetiva trabalhar a saúde mental dos alunos, como atividades de relaxamento, de estímulo ou que trabalhe o corpo (música, dança, fala, atividade física, alimentação saudável)? Se sim, cite-as. Em sua perspectiva, quais estratégias a escola pode estar utilizando para cuidar da saúde mental de professores (a) e alunos (a)?

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa, em 2024.

Para cada categoria foram elaboradas questões para uma melhor compreensão e estruturação do estudo em questão. De início o quadro 2 apresenta no item 1 as concepções sobre saúde mental e as suas reflexões no contexto educativo. No item 2 aborda-se as concepções sobre a prática pedagógica e saúde mental e o que pensam os professores. No item 3 apresenta-se diálogos sobre os desafios e problemas na prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental sobre saúde mental, e por fim no item 4 tratou-se sobre as metodologias que trabalham a saúde mental de crianças.

Ressalta-se que na seção a seguir será abordado cada questionamento e as respostas dos entrevistados nesta pesquisa.

5. PRÁTICA PEDAGÓGICA E SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Esta seção que se segue diz respeito à análise, discussão e resultados alcançados mediante os dados coletados através do questionário aplicado às professoras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental, com o objetivo principal de investigar acerca da temática da saúde mental de crianças e suas implicações na prática pedagógica no contexto de Oeiras-PI, município no qual as colaboradoras lecionam.

Primeiramente analisou-se as respostas das interlocutoras para a avaliação de suas ideias acerca da temática da saúde mental de crianças e suas implicações na prática pedagógica, descrito no subtítulo “Concepções das professoras sobre a saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental” em que foi possível refletir se há um conhecimento destas sobre as questões de saúde mental no processo de ensino-aprendizagem com o intuito de compreender o que vem ocorrendo no desenvolvimento da criança e da prática pedagógica e como a escola pode estar prevenindo essa problemática.

5.1- Concepções das professoras sobre a saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental

Conforme mencionado anteriormente, aplicou-se um questionário contendo 07 (sete) questões, no Quadro 3 abaixo abordaremos algumas das respostas direcionada às concepções sobre saúde mental no contexto educativo.

Quadro 3- Concepções sobre saúde mental: reflexões no contexto educativo

1-Considerando suas concepções, o que é saúde mental? Qual a importância da saúde mental no contexto educativo?
<p>C2 “A saúde mental no contexto educativo é uma questão fundamental para a aprendizagem, pois a falta de cuidado com a mesma, leva ao adoecimento e prejudica toda experiência escolar além de estar associada ao aumento dos casos de violência nas escolas.”</p>
<p>C3 “Saúde mental para mim, é ter equilíbrio entre o pessoal e o social, é ter conhecimento dos seus próprios limites e de suas capacidades, é ter a capacidade de silenciar o mundo externo e saber ouvir e compreender o mundo interno. No contexto educativo a saúde mental torna-se fundamental, para direcionar o aluno no desenvolvimento das habilidades necessárias para cada etapa, para construir o autoconhecimento que é um fator necessário.”</p>
<p>C6 “A saúde mental é a percepção da realidade a qual se está inserido com todas as suas nuances, conhecendo a si mesmo como alguém dotado de potencialidades extraordinárias, mas também portador de fraquezas, medos, fragilidades e entender que cada ser humano precisa respeitar os momentos, as fases, tanto de glória, quanto de “derrotas” e que está tudo bem, pois todo esse conjunto de acertos e erros, coragem e medo, faz parte da vida e se durante a trajetória for preciso pedir um auxílio: espiritual, psiquiátrico, e emocional, isso não nos fará menores, mais frágeis mentalmente que os demais indivíduos. Dessa forma, manter uma rotina saudável, que favoreçam a saúde mental será muito importante não só no ambiente escolar, mas no geral, e isso refletirá numa aprendizagem de qualidade, formando cidadãos atuantes, participativos e conscientes.”</p>

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da pesquisa, 2024.

De modo geral, se pode observar que as entrevistadas possuem um conhecimento necessário sobre a saúde mental dentro e fora do contexto educativo. Para as interlocutoras C3 e C6 a saúde mental está relacionada ao fato de se ter equilíbrio pessoal e social na realidade ao qual está incluído, é respeitar seus limites, e entender a si mesmo como um indivíduo que como tantos possuem suas fraquezas, medos e fragilidades, respeitando cada fase ou etapa de sua vida, mas que sobretudo é reconhecer-se como alguém provido de capacidade e habilidades elevadas.

Quando questionadas sobre sua importância, todas as docentes responderam que a saúde mental é de fundamental valor no contexto educativo, assim manter uma rotina saudável estimula o desenvolvimento de habilidades necessárias à aprendizagem da criança em cada fase, produzindo dessa forma um estudo mais consciente e participativo, pois a falta de cuidados e prevenção sobre a saúde mental na atualidade elevará ainda mais o adoecimento mental, tendo como principal consequência a baixa autoestima e um baixo rendimento escolar, podendo formar assim estudantes mais violentos.

Neste pensar os PCNs estabelecem como esta temática tão necessária deveria de ser idealizada na escola, no momento em que este documento conceitua que:

A saúde deve ser compreendida como reflexos da “maneira como vivem” os indivíduos e os grupos sociais, favorecendo avaliações que levam em consideração “as relações com o meio físico, social e cultural”, cabendo à escola, no contexto da educação para a saúde, a formação de agentes ativos e não pacientes, capazes de valorizar a saúde, discernir e participar de decisões relativas à saúde individual e coletiva”, assim, a renovação dos enfoques no setor implica sobretudo na formação do aluno para o exercício da cidadania (Brasil, 1997, p.66).

Deste modo, se faz necessário que se rompam com os estigmas voltados à saúde influenciados pelo movimento sanitário durante a história, como já mencionado na pesquisa em questão e que ainda se perpetuam no atual sistema de ensino, por utilizarem o termo saúde somente quando refere-se a doenças físicas. Assim, a saúde como uma temática de fundamental valor deve ser entendida como um tema transversal em todas as áreas do saber, favorecendo através de estratégias e como as colaboradoras nos enfatizaram um ambiente mais saudável e participativo. Nesse requisito não se encontrou pensamentos preconceituosos nas falas das docentes quanto à saúde mental na escola, mas sim narrativas do quanto esta é indispensável para o autoconhecimento como metodologia de prevenção.

A seguir no Quadro 4, abordou-se sobre o que pensam os professores a respeito das consequências da saúde mental no desenvolvimento da sua prática pedagógica:

Quadro 4 -Prática pedagógica e saúde mental: o que pensam os professores

2-No contexto escolar, entendemos que tanto docentes, profissionais da saúde, quanto discentes precisam de voz, com o intuito de entendermos o que vem ocorrendo no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem no que envolvem as questões de saúde mental. Considerando suas experiências, quais as implicações ou consequências que as questões de saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental podem provocar no desenvolvimento da prática pedagógica?
C1 “ Na prática quando uma criança vem com algum problema que acontece dentro de casa, acaba interferindo drasticamente no desenvolvimento da aprendizagem”.
C2 “As implicações caso a criança não receba o cuidado e o acolhimento necessário, podem prejudicar o convívio e a aprendizagem dos colegas, assim como o trabalho dos professores, criando um ambiente educacional menos positivo para todos”.
C3 “ Algumas das consequências são o baixo rendimento escolar por não conseguir ser compreendidas, o julgamento por parte dos profissionais que, em certas situações ainda não compreendem que crianças também têm problemas de saúde mental, e o mais preocupante é que a baixa autoestima causada por todos esses fatores faz com que a criança comece a duvidar das suas capacidades.”
C5 “Podem ter diversas consequências, como por exemplo o desempenho escolar prejudicado, afetando a capacidade de concentração, memorização e aprendizado dos alunos, resultando em baixo desempenho e as dificuldades de acompanhar as disciplinas curriculares
C6 “ O comportamento das crianças está sendo muito alterado negativamente, acredita-se que o uso indiscriminado das redes sociais/ jogos de internet/ a terceirização da educação familiar tenha contribuído para isso. A impressão que temos é que as crianças estão vazias internamente, o seu emocional é bastante frágil, costumam ser arrogantes, egocêntricas demais ou inseguras, o que as deixa agressivas, desamorosas, aparentam viver numa bolha, absurdamente contrários à realidade. Isso tudo refletirá na prática pedagógica como uma areia movediça que aos poucos vai engolindo a todos, e só aqueles poucos valentes conquistaram um futuro tranquilo.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa, 2024.

Baseados nas falas das colaboradoras, um dos prejuízos relatados pelos entrevistadas como consequência dos problemas de saúde mental na prática pedagógica, tem sido o baixo rendimento escolar das crianças, e os motivos que podem estar causando ou estimulando para que esse sofrimento psíquico aconteça são vários, dentre eles: problemas em casa, falta de acolhimento tanto por parte das famílias como da escola, falta de compreensão e julgamento por parte dos profissionais de ensino, baixa autoestima, dificuldade em se concentrar e memorizar conteúdos e o uso indiscriminado das redes sociais. Sobre isso Estanislau *et al* (2014, p.1) nos diz que:

[...] Jovens afetados por transtornos mentais apresentam com mais frequência rendimento acadêmico inferior, evasão escolar e envolvimento com problemas legais, e a demanda de alunos com algum tipo de problema emocional/comportamento vem preocupando educadores, que nos últimos anos, passaram a demonstrar altos índices de afastamento do trabalho [...].

Dessa maneira é possível perceber que um dos grandes agravantes que tem contribuído para o aumento de crianças e jovens com algum tipo de transtorno emocional tem sido a falta de informações e diálogo que orientem não só os alunos, mas sobretudo professores(as) e gestores(as) que estão a encargo de ensinar e facilitar a aprendizagem para que esta venha a acontecer da melhor forma possível. Assim, a falta de um conhecimento especializado, de quem realmente entende do assunto, faz com que os docentes em alguns casos venham a ter um olhar distorcido sobre a questão, enxergando a situação muitas vezes como “birras”, e falta de disciplina por parte dos pais relacionado ao mal comportamento da criança.

Outro fator importante foi destacado pela C6 quando menciona o uso “indiscriminado das redes sociais” como um dos fatores que explicam o mau comportamento das crianças. Ressalta-se que muitos pais, mães e/ou responsáveis trabalham durante todo o dia e acabam por deixar seus filhos à exposição dos dispositivos digitais por horas, sem um controle efetivo sobre o que as crianças estão acessando, e isso ao virar rotina pode deixar a criança dependente das redes sociais ansiosas. Essas crianças por se sentirem vazias em aspecto de atenção, afetividade, cuidado e acolhimento podem se tornar crianças agressivas, inseguras, frágeis e por isso tentam suprir esse sentimento de carência com o uso das telinhas, tendo assim sua vida emocional afetada.

A seguir apresenta-se o Quadro 5 sobre a caracterização da prática pedagógica das entrevistadas sobre a saúde mental:

Quadro 5 - Prática pedagógica e saúde mental: o que pensam os professores

3-Como você caracteriza sua prática pedagógica na perspectiva das reflexões sobre a saúde mental?

C2 “Minha prática pedagógica é caracterizada pela procura em promover um ambiente acolhedor, onde as crianças sintam-se a vontade e tenham confiança para expressar aquilo que lhe acontece também fora da escola, tentando criar um momento de escuta, já que muitos dizem que os pais não os compreendem, nas aulas trazemos atividades que os fazem refletir sobre o bem estar de cada um, são acolhidas geralmente com hinos para que iniciem as aulas com menos tensão e relaxados.”

C3 “ Na minha prática pedagógica como professora de sala ou como orientadora pedagógica, sempre procuro conversar com os alunos e ter a chamada “escuta sensível” no sentido de ouvi-los sem julgamento pois entendo que as crianças têm muito a nos ensinar e precisam ser ouvidas e compreendidas. Muitas vezes, como nós denominamos adultos pensantes, voltamos ao tempo da idade média em que tratavam-se as crianças como adultos em miniaturas, inviabilizando assim sua existência, seus medos e suas descobertas. Ouvir uma criança pode curar traumas e diminuir julgamentos e injustiças.

C5 “Uma prática pedagógica envolvendo uma integração de estratégias que ajudam a promover um apoio emocional e psicológico aos alunos. A identificação e apoio dos alunos que apresentam sinais de problemas emocionais, é fundamental. Outro ponto importante é necessário para que se sintam seguros, respeitados e valorizados.”

C6 “Tentamos motivar os alunos a serem os protagonistas do seu futuro; pensamos que o acolhimento é um bom começo; para isso trabalhamos a interação, a participação, o sentido/significado do que está sendo estudado, casando com a vida lá fora, mostrando a importância da família, do ouvir e ser ouvido, do aprender brincando, trabalhando os sentimentos (tristeza, alegria, raiva, rancor, amor...), enfim, buscamos trabalhar o ser humano como a estrutura principal para agregar conhecimento.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa, 2024.

O estudo em questão investigou também sobre a importância de se ter uma prática consciente, estimulativa e dialogada, assim foi possível observar-se que, de modo geral, os sujeitos entrevistados caracterizam sua prática como acolhedora, motivacional, estimulativa no sentido de que as crianças expressam o que sentem, além de buscarem trabalhar o diálogo como forma de escutar mas também ouvir o que o outro tem a dizer, gerando assim um momento de reflexão sobre o cuidado e o bem-estar de cada um, além do apoio e da motivação para serem os protagonistas do seu futuro, tornando-se dessa maneira uma prática significativa de transformação de forma que os pequenos se sintam seguros, respeitados e compreendidos, como bem nos coloca Lopes e Lucca (2012, p.20) quando menciona que:

Ao educador cabe, então, propiciar condições para o desenvolvimento da curiosidade e para o conhecimento de coisas novas; possibilitar situações em que seja possível relacionar as coisas apresentadas; criar condições para que as crianças exercitem a imaginação livre (sem rotulações e engessamentos sociais) de coisas e situações, podendo expressá-las com segurança e apoio; gerar momentos em que a autonomia possa ser desenvolvida e , assim, permitindo o respeito aos sentimentos e pontos de vistas dos outros.

De acordo com a entrevistada C3, ainda na atual prática de ensino muitos enxergam a criança como um adulto em miniatura, reprimindo assim seus medos, sentimentos e

necessidades. Muitos veem a infância como uma fase repleta de coisas boas, sem enxergarem a realidade de vida social e econômica em que vivem muitas crianças, tendo que assumir responsabilidades desde cedo, assim nem todas as crianças podem vivenciar uma infância plena e feliz. Dentro desse processo o seio familiar se destaca como o agente que também contribui para que realidades como estas mudem, ensinando aos pequenos desde cedo a irem para escola, sendo responsável e comprometido em procurar a escola como forma de apoiá-los, mostrando para criança confiança, afetividade e escuta.

A seguir no Quadro 6 apresenta-se os desafios e problemas enfrentados pela prática pedagógica no que se refere a temática da saúde mental:

Quadro 6- Desafios e problemas na prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental sobre saúde mental

4- Elenque os principais problemas que envolvem a saúde mental das crianças no contexto de sua prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental?
C1 “ Problemas em casa, autismo, TDAH, hiperatividade, TOD.”
C2 “ Neste contexto, podemos sequenciar altos níveis de ansiedade pela maioria das crianças e uma minoria se enquadra no problema de conduta e transtornos.”
C3 “ Dentre muitos dos problemas, vejo a insegurança na execução das atividades; a falta de concentração; culpa por não conseguir assimilar o que está sendo passado; comportamentos inapropriados com os colegas por não saber controlar as emoções; comparações.”
C4 “Lidar com autismo, TOD, tem sido um desafio acredito que para muitos professores, lidar com deficiência em sala regular.”
C5 “Os problemas mais comuns são: a ansiedade, por medo ou preocupação excessiva com o desempenho acadêmico; A falta de interesse nas atividades; dificuldade de concentração, afetando o aprendizado e comportamento; desobediência e oposição às regras.”
C6 “Desestrutura familiar envolvendo divórcio de pais; às vezes uso de drogas de ente familiar; desinteresse pela jornada escolar do filho, entre outros.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa, 2024.

Diante das respostas, é possível perceber uma variação referente aos problemas relacionados à saúde mental de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental na prática pedagógica de ambas as interlocutoras. A C1 e a C4 informaram ser problemas em casa, autismo, TOD, TDAH e hiperatividade. A C2, a C3 e a C5 mencionaram ser a ansiedade sobretudo voltado ao desenvolvimento acadêmico, devido às cobranças advindas das famílias e da escola, além da insegurança, a falta de concentração, o sentimento de culpa diante das dificuldades de aprendizagem, o que faz com que a criança venha a ter comportamentos inapropriados, além da desobediência a regras do cotidiano escolar. Já a C6 enfatizou ser a desestrutura familiar envolvendo a separação dos pais, uso de drogas na família e também o

desinteresse em estudar, ressaltando que tais fatores podem influenciar a criança a desenvolver a ansiedade que é um dos transtornos mais comuns na atualidade.

O que nos faz refletir sobre a “[...] atenção dada, pelos profissionais da educação que atuam no contexto escolar, para os comportamentos e as expressões das crianças [...]” (Cid *et al.*, 2019, p. 9). E atitudes como essas, de cuidado e atenção, favorecem para a prevenção, caso venham a ser identificados precocemente. Desta forma educadores que buscam promover vínculos de afetividade, diálogo, empatia, respeito, autonomia já trabalham o bem-estar físico e emocional de seus alunos(as).

A seguir no Quadro 7 apresenta-se as metodologias e estratégias que trabalham a saúde mental de crianças com base na prática pedagógica das professoras:

Quadro 7- Metodologias e estratégias que trabalham a saúde mental de crianças

5- Na sua prática pedagógica, você utiliza alguma metodologia que objetiva trabalhar a saúde mental dos alunos, como atividades de relaxamento, de estímulo ou que trabalhe o corpo (música, dança, fala, atividade física, alimentação saudável)? Se sim, cite-as.

C1- “Sim, a musicoterapia como prática de relaxamento que trabalhe a mente.

C2- “Na minha prática pedagógica, utilizamos apenas a visita à horta semanalmente, e um momento de karaokê no tempo do intervalo, para que os alunos se distraiam.”

C3- “Sim, como orientadora pedagógica de quatro crianças atípicas, costumo fazer atividades de relaxamento como: caminhadas, leituras ao ar livre, acompanhamentos e incentivos a alimentação saudável, sendo que, acompanhamos desde a entrada à saída segura da escola (acompanhada de um responsável), atividades terapêuticas como conversas na natureza, pintura, atividades com massinhas de modelar, fantoches.”

C4- “Sim, atividades de relaxamento com música, atividade para estimular a concentração, jogos de encaixe, quebra-cabeça, contação de história, atividades com colagem.”

C5- “Sim, utilizo a música, jogos e dinâmicas.”

C6- “Sim, o primeiro deles é a escuta e observação ativa individualizada. A jornada escolar é cansativa, estressante e corrida, mas realizamos, ao menos uma vez na semana, uma atividade que oportunize ao aluno o relaxamento através da música, às vezes, um trabalho com vídeo, um momento com o transcendente, brincadeiras ou apenas poucos minutos de uma boa conversa ao final da aula para contarmos piadas, rimos um pouco ou cantamos.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa, 2024.

De acordo com os resultados da análise foi possível comprovar-se que, de modo geral, todas as docentes entrevistadas utilizavam metodologias essenciais para se trabalhar a mente e o corpo como ações fundamentais para um bom desenvolvimento e aprendizagem da criança, de forma a prevenir emoções negativas, com o intuito de superar as dificuldades existentes e tornar o processo mais fácil em tempos tão difíceis, como nos coloca a professora C6, quando enfatizou que a trajetória educativa é cansativa, estressante e corrida.

Destarte a isso, dentre as atividades de relaxamento mais utilizadas pela a maioria das interlocutoras está a música como prática efetiva que favorece o corpo e a mente (C1, C2, C4, C5 e C6), além disso incentivam outras práticas como a alimentação saudável, jogos, contação de história, colagem e dinâmicas. Já as colaboradoras C3 e C6 utilizavam em comum atividades que estimulam a fala e a escuta, o que contribuiu como forma de construção da empatia pelo próximo, além de fazer com que as crianças se sintam apoiados e seguros. Buscam também desfrutar de caminhadas, leituras, pinturas, fantoches, brincadeiras, piadas como forma de trabalhar a concentração, a autoestima, a autonomia, a interação, a socialização e as relações. Pelos relatos das docentes, o que elas possuem em comum, refere-se ao desejo de ver o progresso de seus alunos e poder mostrar a mudança que um pedagogo com sua didática pode fazer na sociedade, como nos ressalta Santos, Gondim (2021, p.95) quando afirma que “[...] a força de vontade existente em cada um, faz com que continuem lutando por melhorias, podendo assim, estar oferecendo o que sabem fazer de melhor, transformação”.

Assim por passar a maior parte do tempo com as crianças em diversos contextos da escola, o professor desempenha importante figura no auxílio à promoção à saúde mental destes a partir das relações de afetividade construídas, demonstrando assim, ser um suporte fundamental diante das adversidades da vida, seja através de um momento de escuta, de fala, de apoio por saber que tem com quem contar, educando assim a cada nova face da criança laços de amizade, confiança, motivação, cuidado, ao qual contribuirá para o fortalecimento da autoestima e bem-estar da criança.

A seguir o Quadro 8 apresenta as metodologias e estratégias que a escola com base nas concepções das colaboradoras pode estar utilizando para trabalhar a saúde mental de crianças:

Quadro 8- Metodologias e estratégias que trabalham a saúde mental de crianças

6- Em sua perspectiva, quais estratégias a escola pode estar utilizando para cuidar da saúde mental de professores (a) e alunos (a)?
C2 “As estratégias didáticas que utilizamos, devem incorporar a atenção ao cuidado em saúde mental como base para o bom desempenho dos alunos, podemos então implementar campanhas de informação e prevenção, para que eles aprendam a identificar os sintomas e tenham caminhos claros a seguir; podemos implementar também 15 minutos por semana de atenção com o profissional para que o indivíduo possa relaxar, respirar ou que forneça uma fuga temporária dos pensamentos.”
C3 “Criar momentos de escuta; promover formações que busquem o auto conhecimento tanto dos alunos, como dos profissionais que compõem a instituição; focar em projetos que trabalhem a prevenção e proteção contra abusos sexuais de crianças e adolescentes; criar projetos que usem o bem estar social e a inteligência emocional.”
C4 “Terapias, formações com temas relacionados e profissionais da área, mais atividades recreativas, desemparedamento de atividades.”
C5 “Podem estar utilizando sessões de acolhimento individuais ou em grupos; Incentivar a diversidade e a inclusão nas práticas escolares; Palestras sobre temas de saúde mental e bem-estar.”
C6 “A saúde mental do corpo docente e discente é medida urgente! As cobranças da vida Moderna adoecem a humanidade. O suporte psiquiátrico e psicológico individualizado precisa ser urgente nas escolas e é medida que não se pode abrir mão. O estresse a que somos submetidos desencadeia uma gama de doenças da mente e do corpo, a exemplo o câncer; a propósito, eu fui diagnosticada com CA de pulmão em 2022, removi 60% do meu pulmão direito, estou no 2 ano de vitória contra o câncer e espero em Deus, vencê-lo; atribuo o acontecimento desse problema, também ao nível de estresse a que somos submetidos no ambiente de trabalho, pois nunca fumei ativamente, tampouco fiz uso de bebida alcoólica ou qualquer outro tipo de droga.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa, 2024.

Observou-se que todas as colaboradoras sugerem práticas fundamentais para a promoção e prevenção da saúde mental tanto do aluno como do docente no meio escolar. Diante então da realidade em que esses profissionais vivem e presenciam no seu contexto de trabalho, é perceptível que se verifica uma variação de respostas quanto às estratégias pela qual a escola enquanto órgão responsável por assegurar a aprendizagem e o conhecimento de forma plena, deve utilizar ao cuidado a saúde emocional de todos.

De modo geral, todas as entrevistadas destacam que a rotina pedagógica deve ser complementada por ações educativas voltadas para o bem-estar social. Para isso, quatro das interlocutoras (C2, C3, C4 e C5) mencionaram como é necessário campanhas de formação e informação com o objetivo de promover o autoconhecimento de educandos e educadores que compõem a escola de forma a prepará-los a identificar os sintomas, promover estratégias de como lidar e prevenir tal problemática, por meio de atividades recreativas que forneça o ouvir e o falar, além de momentos relaxantes como a terapia por exemplo, ensinar como cada um tem suas particularidades e que a inclusão é a peça central no combate às doenças mentais.

Diante de tal questão é perceptível a negligência por parte das políticas públicas voltadas à formação continuada de educadores, deixando-os despreparados de informações e preparo necessários para lidar contra o sofrimento psíquico de seus discentes, sentindo-se desassistidos

por falta de um suporte que os ensinem sobre as questões de saúde mental. Neste pensar torna-se “[...] importante a capacitação desses profissionais, além do apoio de órgãos e trabalhadores da área da saúde em específico, no intuito de fornecer suporte a toda essa comunidade [...]” (Santos, Gondim, 2021, p.94).

Um fator importante que merece destaque é o que foi mencionado na fala da interlocutora C6, ao utilizar a palavra urgente como meio de visibilidade, e até mesmo como um pedido de socorro diante de um cenário autoritário de cobranças, estresse, e muitas vezes sem nenhum tipo de compreensão, e isso tem contribuído para o adoecimento de pessoas. A respeito disso, enfatizou-se que:

A docência é, segundo apontam alguns pesquisadores, uma das profissões que mais causam desgaste emocional e estresse. Este trabalho que poderia ser uma fonte de realização pessoal e profissional, torna-se penoso, frustrante e todas as situações novas que poderiam servir como uma motivação, passam a ser uma ameaça temida e, portanto, evitada [...] (Naujorks, 2002, p.2).

Mediante isso, torna-se essencial que esses profissionais tenham também um suporte de quem verdadeiramente entende do assunto, o psicólogo e psiquiatra como forma de apoio, trabalhando conjuntamente, com o objetivo de promover um ambiente saudável para que o professor venha a desempenhar suas habilidades e conhecimento com qualidade, assim é preciso cuidar de quem ensina para que a educação floresça e previna doenças mais graves, como o câncer. A menção desta doença se configura pelo fato de que a docente C6 em 2022 foi diagnosticada com CA, e teve então 60% do pulmão removido, a docente se encontra na batalha para vencer essa doença tão silenciosa e cruel, um dos fatores ao qual a docente acredita que contribuiu para o desencadeamento desta doença tenha sido o nível de estresse ao qual foi submetida na sua rotina de trabalho, já que ela afirmou nunca ter feito uso de drogas como o fumo e o álcool.

Tendo em vista isso, a escola neste processo se justifica como um ambiente favorecido a introdução de ações de promoção e prevenção de saúde mental por meio de palestras, rodas de conversas evidenciando o educando como o principal protagonista encorajando sua capacidade na difusão de hábitos que tenham como meta a proteção e a diminuição dessa problemática. Desta maneira os princípios fundamentais das escolas promotoras de saúde de acordo com Estanislau *et al* (2014, p.18) são:

1. Ter visão de todos os aspectos da escola, promovendo um ambiente saudável e que favorece a aprendizagem.
2. Dar importância a estética da escola, assim como ao efeito psicológico direto que ela tem sobre professores e alunos.

3. Fundamentar-se em um modelo de saúde que inclua a interação dos aspectos físicos, psíquicos, socioculturais e ambientais.
4. Promover a participação ativa de alunos e alunas.
5. Reconhecer que os conteúdos de saúde devem ser necessariamente incluídos nas diferentes áreas curriculares.
6. Entender que o desenvolvimento da autoestima e da autonomia pessoal é fundamental para a promoção da saúde.
7. Valorizar a promoção da saúde na escola para todos.
8. Ter visão ampla dos serviços de saúde que tenham interface com a escola.
9. Reforçar o desenvolvimento de estilos saudáveis de vida que ofereçam opções viáveis e atraentes para a prática de ações que promovam a saúde.
10. Favorecer a participação ativa dos educadores na elaboração do projeto pedagógico da educação para a saúde.
11. Buscar estabelecer inter-relações na elaboração do projeto escolar.

Logo são ações como essas que poderão garantir o bem-estar de todos os que compõem o ambiente escolar, uma vez que através desses princípios a escola fortalecerá ainda mais práticas de conhecimentos que contribuirão para o desenvolvimento pleno de seus estudantes, diminuindo dessa forma problemáticas como evasão escolar, exclusão social, preconceito, falta de empatia e o fracasso escolar. Assim, quanto maior for a proximidade entre a saúde e a educação maior também poderá ser a socialização de saberes, colaborando para a qualidade de vida de forma conjunta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, foi possível perceber que em decorrência dos problemas estruturais e econômicos de nossa sociedade tem levado a grande maioria das pessoas ao adoecimento mental. Isso porque o custo de vida dos dias atuais tem aumentado a cada dia, o que fez com que as pessoas trabalhem dobrado, com rotinas intensas, e sem nenhum tempo para realmente viver com seus filhos(a) e família. A culpa disso se deve ao capitalismo, que gera as desigualdades e que nos faz entendermos que a preocupação nunca foi com a qualidade, mas com a quantidade. Assim é preciso não somente remediar, mas principalmente prevenir, pensar em uma nova forma de estruturação da sociedade, onde as pessoas tenham tempo para o lazer, e para suas famílias.

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa foi possível compreender o objetivo principal de analisar as implicações das questões de saúde mental de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental na prática pedagógica no contexto de Oeiras/PI. E também de entender com base nos objetivos específicos as concepções dos educadores acerca da saúde mental, dos desafios enfrentados na prática docente e das metodologias e estratégias utilizadas para se trabalhar a saúde mental de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

Deste modo, com base nos resultados coletados a partir da pesquisa foi possível verificar que os docentes colaboradores possuem conhecimento sobre o que vem a ser saúde mental, e a sua importância no espaço escolar como ferramenta essencial para o desenvolvimento pleno do educando. Para isso procuram promover metodologias que objetivam trabalhar a saúde mental dos alunos, como a musicoterapia, práticas de relaxamento, alimentação saudável, diálogo ao ar livre e o acolhimento necessário do qual precisam.

Um ponto importante a ser mencionado é que durante as visitas, para a realização da pesquisa, em uma das três escolas, a pesquisadora em questão encontrou desafios no que diz respeito a aceitação para que os professores(a) participassem deste estudo em questão. Uns diziam que a rotina era intensa e que por isso não tinham tempo para responder ao questionário, outros que tinham medo em falar, pois tinham receio de perder o emprego, mesmo deixando claro que precisavam desse momento de fala, de escuta, e de que as informações coletadas seriam de grande sigilo. Depois de muito diálogo, de poder ouvi-las e de mostrar a importância do falar como uma das bases para a construção de um ambiente saudável, as docentes aceitaram, pois se sentiram acolhidas e apoiadas.

Nesta linha de entendimento diante das visitas às escolas e das respostas obtidas no questionário ficou evidente o pedido de ajuda daqueles que de fato fazem a educação acontecer,

assim é urgente a necessidade de uma rede de apoio com psicólogos e psiquiatras que se tornem parte integrante da rotina escolar, além de cursos de capacitação para os professores e toda a comunidade escolar para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades mais aprofundadas sobre a temática, além de políticas públicas como forma de prevenção e promoção a saúde física e mental.

A partir da pesquisa ficou evidente a importância que o espaço escolar tem para o desenvolvimento, social e emocional de educadores educandos, pois por ser um ambiente que promove a formação plena de crianças e adolescentes é mais acessível a realização de intervenções que busquem a proteção e a informação como meios de combate e prevenção ao sofrimento mental, além do incentivo à participação, ao diálogo e ao empoderamento crítico de alunos e professores, incentivando à diversidade e a inclusão social nas práticas escolares.

Assim cabe à escola o papel de ensinar para cuidar, de informar no sentido de promover uma educação com base nas particularidades de cada criança, de escutar e encaminhar quando necessário o aluno aos profissionais de saúde que trabalham arduamente na promoção e prevenção da saúde mental. Além disso, é dever da escola proporcionar práticas didáticas que trabalhem a autonomia infanto-juvenil como um mecanismo de formação dos seus próprios conhecimentos, no sentido de formá-lo para atuar em sociedade a partir de princípios étnicos, culturais e sociais. Assim espera-se que esta pesquisa contribua com trabalhos futuros, mostrando à sociedade a importância de dialogar sobre a saúde mental.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Luis Alberto de.; BORGES, Valdir.; FILIPAK, Sirley Terezinha. **Fundamentos da gestão democrática escolar em Paulo Freire**. Revista Espacios,, Vol.39 (Nº 43) Ano 2018. Page.20.

BRASIL, M. D. E. (2017). **Base nacional comum curricular**. Brasília-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica. Acessado em:01/agos/2024 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 10. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1998.360 pr.

BRASIL, Lei nº. 5.692-de 11 de agosto de 1971: Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília: Documento 129,p.400-416. 1971.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação. 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004

BORGES, Daniely Casagrande “et al”.**Círculo de Cultura como estratégia de promoção da saúde: encontros entre educação popular e interdisciplinaridade**.SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, V. 46, N. Especial 6, P. 228-238, Dez 2022.

CARVALHO, Laerte R. **As reformas pombalinas da instrução pública**. São Paulo: Saraiva/Edusp,1978.

CALAINHO, Daniela B. **Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial**. Tempo, São Paulo, Ano 1, n.19, p.61-75, Dez/2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S1413-770420005000200005&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 18 Aug 2007.

CAIRES, Monique Cabral.SHINOHARA, Helene. **Transtornos de Ansiedade na Criança: um olhar nas comunidades**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 2010, Volume 6, Numero 1, DOI: 10.5935/ 1808-5687. 20100005.

CARTA DE OTTAWA. **Primeira Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde**. ottawa,novembro de 1986.

CID, M.F.B et al.. **Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores**. Pro-Posições, Campinas, v.30, p.124, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8656529>. Acesso em 15 mar. 2021.

DELGADO, P.G.G.; GOMES, P.C.; COUTINHO, E.S.F. **Novos rumos nas políticas públicas de saúde mental no Brasil**. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro (Editorial) v.17, n.3, p.452-453. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/s87BC9WyGrL8x7PKMxt3vBJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 mar. 2021.

DEJOURS, C.,1986. **Por um novo conceito de saúde**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 14: 7-11.

DIAS, João Vinicius dos Santos,; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. **Educação Popular e saúde mental, aproximando saberes e ampliando o cuidado**. Saúde e Debate/ Rio de Janeiro, V.46, N.132, P. 188-199, Jan-Mar 2022.

DUARTE, Glaucius Décio. **Reflexões sobre a teoria do desenvolvimento da inteligência humana, de Jean Piaget**. 1/12/2003.

ESTANISLAU, Gustavo.M, BRESSAN, Affonseca (Organizadores). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**.- Porto Alegre : Artmed, 2014. 277p. ; 25 cm.

FRANCO, José Eduardo. **Jesuítas e inquisidores**. Revista Brasileira de História, São Paulo, Ano 26, n.51, jan-jun/2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S010201882006000100014&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 02 11 set de 2008.

FREIRE, Paulo,1921-1997. **Educação como prática da liberdade** [recurso eletrônico]/ Paulo Freire.-1. ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo- **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pq.57-76.1996

FREIRE, Paulo. **Primeiras Palavras**. São Paulo. Setembro, 1992.

FIGUEREDO, Alziane Evelyn dos Santos. ABREU, Regimara Simão de. SOUZA, Júlio César Pinto de. **Saúde mental de crianças no contexto escolar**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 08, Vol. 05, pp. 86-103. Agosto de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/criancas-no-contexto>.

GERHARDT, Tatiana Engel.; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil- UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica-Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. -6. Ed.- São Paulo: Atlas, 2008.

JUCÁ, Renata Nascimento. **Educação e Saúde: Contextos e Concepções**/ Renata do Nascimento Jucá.- Salvador: UFBA, 2008. 77p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**/ José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza Seabra Toschi.-10. ed., rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2012.- (Coleção docência em formação: saberes pedagógico/ Coordenação Selma Garrido Pimenta).

LIMA, Cleiton Faria (org)...[et al]. **Seminários: trabalho e saúde dos professores: precarização do adoecimento e caminhos para a mudança** [recurso eletrônico].- São Paulo: Fundacentro, 2023.

LOPES, Cléia Maria Ballão.; LUCCA, José Alexandre de.Psicologia da Educação II: **Piaget, Vygotsky, Winnicott e Wallon**. Biblioteca Central- UNICENTRO, Paraná, 2012.

LOPES, Eliane Marta T. **Origens da Educação Pública: a Instrução na Revolução Burguesa do Século XVIII**. São Paulo: Loyola, 1981.

LOURENÇO, Vanessa Ramos. **A relação entre a prática e a saúde mental do docente do ensino fundamental**.- Niterói: [s.n.], 2021.

MACIEL, Lizete S.B; SHIGUNOV, Alexandre Neto. **A educação brasileira no período pombalino: Uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino**. Educação e Pesquisa, São Paulo, Ano 32, n.3, set-dez, 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.php?Scriptsci-arttext&pid=S1517-97022006000300003&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 07 de Agosto de 2007.

MAGALHÃES, Andreia (1999). **Ansiedade face aos testes, Género e Rendimento Académico: um estudo no Ensino Básico**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural; 1988.

NAUJORKS, Maria Inês. **STRESS E INCLUSÃO: indicadores de stress em professores frente a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Caderno: edição: 2002-N^a 20> Editorial>Índice> Resumo>Artigo.

NEVES, Silvana Salvino dos Santos.; “et al”. **Saúde e prevenção na educação Infantil: desafios para as práticas docentes**. 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade ,; ASSUNÇÃO, Ada Ávila (Organizadoras). Dossiê: “ **Saúde e trabalho docente: articulação imprescindível**”. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 107, p. 343-348, maio/ago. 2009 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000200002>

OLIVEIRA, Alanna de Lima. **Ansiedade Infantil e Dificuldades de Aprendizagem: um olhar psicopedagógico**. João Pessoa, 2017.

PEREIRA, S, “et al”. **Saúde e educação: uma parceria necessária para o sucesso escolar**. CoDAS 2015;27(1):58-64.

PIAGET, J. (1978). **A epistemologia genética: Sabedoria e ilusões da filosofia; problemas de psicologia genética**. São Paulo, Abril Cultural.

RIBEIRO, Márcia M. **A ciência dos trópicos: A arte médica no Brasil do século XVIII**, São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, R.G.H.; CELERI, E.H.R.V. **Rastreamento de problemas de saúde mental em crianças pré-escolares no contexto da atenção básica à saúde**. Rev Paul Pediatr. São Paulo, v. 36, n.1, p. 82-90. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rpp/a/4KkpDYvkQxJt579KmcPmHmqp/?lang=pt>. Acesso em 15 mar. 2021.

SAMPAIO, A.B.A.; BRITO, H. R. N. G. CÂMARA, C. M. F.; COUTINHO, E. M. C.; LIMA, J. M. C. **Processos afetivos na relação professor e aluno: Reflexões sobre a mediação do Psicólogo escolar**. Revista Expressão Católica, v. 6, n.1,p.54-62, 2017. Disponível em:

<<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/2071>>. Acesso em: 22.Abril. 2020.Doi:<http://dx.doi.org/10.25190/rec.v6i1.2071>

SANTOS, Dária Catarina Silva, “et al”. **Práticas educativas em saúde mental: a escola como espaço para a ruptura dos estigmas sobre a doença mental.** Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB/ N° 46, João Pessoa, 2019.

SANTOS, Maria Manuela dos; GONDIM, Liberalina Santos de Souza. **Contribuições da relação professor-aluno no cuidado à saúde mental de estudantes: revisão da literatura de 2015 a 2020.** *Constr. psicopedag.*, São Paulo, v. 30, n. 31, p. 82-100, dez. 2021. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S1415-69542021000200009&Ing=pt&nrm=iso>>. acessos em 06 maio 2024. <http://dx.doi.org/10.37388/CP2021/v30n31a06>.

SILVA, Ariane Paulino, DAMACENO, Priscila; COELHO, Janaina Fernanda Pereira. **Saúde mental dos professores: uma revisão de literatura das políticas educacionais e a aplicações da produção de narratividade e seu conceito.** 2021, disponível em:<https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/3580/1/SA%C3%9ADE%20MENTAL%20DOS%20PROFESSORES%20UMA%20REVIS%C3%83O%20DE%20LITERATURA%20DAS%20POL%C3%8DTICAS%20EDUCACIONAIS%20E%20A%20APLICA%C3%87%C3%95ES%20DA%20PRODU%C3%87%C3%83O%20DE%20NARRATIVIDADE%20E%20SEU%20CONCEITO.pdf>, acessado em : 30/abril/2024

SOARES, A.G.S.; ESTANISLAU, G.; BRIETZKE, E.; LEFÈVRE, F.; BRESSAN, R. A. **Percepção de professores de escola pública sobre saúde mental.** *Rev. Saúde Pública*, São Paulo: v. 48, n. 6, p. 940-948, 2014. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S003489102014000600940 & lng=en&nrm=iso>. Acesso em:30 Março.2020.Doi:<https://doi.org/10.1590/s0034-8910.2014048004696>.

SOARES, André Luis de,; ABRÃO, Larissa Guimarães Martins. **A saúde mental do Professor.** *Intercursos*, Ituiutaba, v. 14, n. 1, Jan-Jun. 2015- ISSN 2179-9059.

SOUZA, Edlane Rodrigues. **Ansiedade, autoconceito e desempenho escolar em crianças do ensino fundamental.** João Pessoa, 2016.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer.** *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

DE SOUZA M.S. BAPTISTA, M.N. Associações entre suporte familiar e saúde mental. **Psicologia Argumento**, Curitiba , v. 26, n. 54, p. 207-215, 2017. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Psicologiaargumento/2008/vol26/no54/3.pdf>. Acesso em 10 mar. 2021.

SOUZA. M.R. et al.. **Fatores de adoecimento dos estudantes da área da saúde: uma revisão sistemática.** *Psicologia e Saúde em Debate*. v. 3, n. 1, p. 99-126, 2017. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/93>. Acesso em 12 mar. 2021.

TOSTES, Maiza Vaz.; “et al”. **Sofrimento mental de professores do ensino público**. Saúde Debate/ Rio de Janeiro, v.42. n. 116, P. 89-99, jan-mar 2018.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Educação popular e a atenção à saúde da família**. São Paulo: Hucitec, 2001.

VIEIRA, Larissa. **Cartilha janeiro branco**. Criado em 11/jan/2023, disponível em: <https://www.haja.org.br/post/sa%C3%BAde-mental-e-esperan%C3%A7a-entenda-essa-rela%C3%A7%C3%A3o-imprescind%C3%ADvel>, acessado em: 15/abr/2024.

VIEIRA, Sonia. **Como escrever uma tese**/Sonia Vieira. -6 ed.- São Paulo: Atlas, 2008.

ZUIN, Antônio A. S.; MELLO, Roseli Rodrigues de. **Por uma pedagogia da autonomia na era da cultura digital**. Pro-Posições/Campinas,SP/ V.32/ e 202101110/2021.

APÊNDICES



**ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS
PROFESSORES**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPE
CAMPUS PROF. POSSIDÔNIO QUEIROZ – OEIRAS/PI
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Prezado Professor (a) você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DE OEIRAS/PI, de autoria da aluna do Curso de Pedagogia, Ana Raquel Moura do Vale, sob a orientação da professora Marina Gleika Felipe Soares, em que a sua contribuição será de grande relevância para as discussões realizadas na pesquisa. O referido trabalho apresenta como objetivo geral: Analisar as implicações das questões de saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental na prática pedagógica em escolas da rede pública municipal de Oeiras/PI. Ressaltamos que as informações registradas, sob sua autorização, contribuirão ricamente para os resultados desta pesquisa. Desse modo, os dados coletados ficarão sob sigilo preservando assim sua identidade. Agradecemos sua contribuição e disponibilidade para esta pesquisa.

QUESTIONÁRIO

1. IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____

ESTADO CIVIL: ____ IDADE: _____

TEM FILHOS? SIM(), QUANTOS?_____ NÃO()

2. QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

FORMAÇÃO ACADÊMICA: _____

POSSUI PÓS-GRADUAÇÃO? SE SIM, QUAL(AIS)?

PROFISSÃO: _____

TEMPO DE EXPERIÊNCIA? ÁREA E PERÍODO DE ATUAÇÃO NA INSTITUIÇÃO?

3. Considerando suas concepções, o que é saúde mental? Qual a importância da saúde mental no contexto educativo?

4. No contexto escolar, entendemos que tanto docentes, profissionais da saúde, quanto discentes precisam de voz, com o intuito de entendermos o que vem ocorrendo no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem no que envolve as questões de saúde mental. Considerando suas experiências, quais as implicações ou consequências que as questões de saúde mental de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental podem provocar no desenvolvimento da prática pedagógica?
5. Como você caracteriza sua prática pedagógica na perspectiva das reflexões sobre a saúde mental?
6. Quais os desafios que o professor(a) tem enfrentado no que concerne aos problemas de saúde mental de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental?
7. Elenque os principais problemas que envolvem a saúde mental das crianças no contexto de sua prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental?
8. Na sua prática pedagógica, você utiliza alguma metodologia que objetiva trabalhar a saúde mental dos alunos, como atividades de relaxamento, de estímulo ou que trabalhe o corpo (música, dança, fala, atividade física, alimentação saudável)? Se sim, cite-as.
9. Em sua perspectiva, quais estratégias a escola pode estar utilizando para cuidar da saúde mental de professores e alunos?

ANEXOS**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Olavo Bilac, 2335 Centro- Fone:(89) 3221-6658
CEP 64001-280 Teresina-PI**

Prezado (a) Senhor (a),

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa denominada “SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DE OEIRAS/PI. Esta pesquisa esta pesquisa está sob responsabilidade da pesquisadora Ana Raquel Moura do Vale, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, sob a orientação da Profa. Dra. Marina Gleika Felipe Soares e tem como objetivo geral analisar as implicações das questões de saúde mental de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental na prática pedagógica de Oeiras-PI. Como objetivos específicos: Caracterizar a prática docente no contexto das reflexões acerca da saúde mental nos anos iniciais do ensino fundamental; identificar os desafios da prática docente no contexto das questões de saúde mental nos anos iniciais do ensino fundamental; conhecer as metodologias utilizadas pelos docentes considerando as questões de saúde mental. Quanto aos benefícios, apontamos o de que a atividade de narrar tem a dimensão auto formativa. É valido ressaltar que as informações fornecidas por você são sigilosas, tendo assim, a sua privacidade garantida. Para isso, será escolhido por você um nome fictício para sua identificação na pesquisa. Os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhum momento sem autorização prévia, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados. Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas ao final desse documento que está em suas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarece-las com o pesquisador responsável pela pesquisa através dos seguintes telefones: Ana Raquel Moura do Vale (89)98466-.5719. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntaria, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Olavo Bilac, 2335 Centro- Fone:(89) 3221-6658
CEP 64001-280 Teresina-PI

A pesquisa apresenta o seguinte procedimento para a produção de dados: o questionário. A presente pesquisa oferece riscos mínimos de dados, podendo ocorrer do interlocutor da pesquisa sentir-se desconfortável com a mera presença da pesquisadora ou pela possibilidade de revelar experiências pessoais ou comprometedoras da sua prática docente. Nesta perspectiva, os riscos decorrentes podem ter origem nos fatores psicológicos, intelectuais e emocionais, podendo o participante se constranger ao responder aos questionamentos do questionário, ter medo, estresse, vergonha, desconforto e questões também referentes ao tempo que o participante irá levar para responder ao questionário. Desse modo, a pesquisa buscará uma aproximação com os professores no contexto das instituições de educação básica, visando estabelecer relacionamento agradável e de confiança com os interlocutores. Deixando claro que os mesmos estarão livres para questionar, pausar ou até mesmo desistir de participar da pesquisa. Também asseguramos a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico financeiro.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmicos (divulgação em revistas e em eventos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas reguladoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo, você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantida a assistência integral. Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis: Ana Raquel Moura do Vale, telefone para contato (61) 98466-5719 e Marina Gleika Felipe Soares, telefone para contato: (86) 98821-0833.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Olavo Bilac, 2335 Centro- Fone:(89) 3221-6658
CEP 64001-280 Teresina-
PI

Consentimento da participação da pessoa como colaboradora da pesquisa

Eu, _____, RG _____, CPF _____, concordo de livre e espontânea vontade participar da pesquisa intitulada de _____

_____ Fui suficientemente informado/a à respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo este estudo. Ficaram explícitos para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou explícito também a participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos dados da pesquisa de campo e aos seus resultados. Autorizo voluntariamente a participação neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício.

Assinatura do/a colaborador/a da pesquisa ou do responsável (em caso de menor de idade)

Local e data: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Olavo Bilac , 2335 Centro - Fone: (86)3221-6658
CEP 64001-280 Teresina-PI

Oeiras (PI), de março de

Ilma. Sra.
Diretora da
Oeiras – PI.

ASSUNTO: Autorização para realização de pesquisa

Senhor(a) diretor(a),

Venho por meio deste documento solicitar autorização para realização de pesquisa intitulada “**SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DE OEIRAS-PI**”, pela graduanda **ANA RAQUEL MOURA DO VALE**, aluna do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Estadual do Piauí/Campus Possidônio Queiroz – OEIRAS/PI, sob orientação da Professora Marina Gleika Felipe Soares, na perspectiva do projeto do Residência Pedagógica.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as aprendizagens docentes, construídas e reconstruídas por professores em início de carreira no Ensino Superior, que podem colaborar com o desenvolvimento da prática docente. Serão participantes seis professores efetivos de instituições públicas de Ensino Superior, com até cinco anos de exercício na docência nessa etapa de Ensino. A pesquisa tem como perspectiva metodológica a abordagem biográfica, onde serão realizadas duas técnicas: o ateliê biográfico de projeto e o memorial de formação. Participarão da pesquisa duas professoras desse departamento.
